



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Nathália Leite Rodrigues Martins

**Prostituição e marginalidade feminina na ficção de Eça de Queirós
e Fialho de Almeida - *Os Maias*, *A tragédia da rua das Flores*, "A
ruiva" e "Três cadáveres".**

Rio de Janeiro

2016

Nathália Leite Rodrigues Martins

Prostituição e marginalidade feminina na ficção de Eça de Queirós e Fialho de Almeida - *Os Maias*, *A tragédia da rua das Flores*, "A ruiva" e "Três cadáveres"



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Nazar David

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

M386 Martins, Nathália Leite Rodrigues.
Prostituição e marginalidade feminina na ficção de Eça
de Queirós e Fialho de Almeida: Os Maias, A tragédia da rua
das Flores, "A ruiva" e "Três cadáveres" / Nathália Leite
Rodrigues Martins. – 2016.
72 f.

Orientador: Sérgio Nazar David.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do
Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Prostituição na literatura – Séc. XIX – Teses. 2.
Marginalidade social na literatura – Séc. XIX – Teses. 3.
Queiroz, Eça de, 1845-1900 - Crítica e interpretação –
Teses. 4. Queiroz, Eça de, 1845-1900 – Personagens –
Mulheres – Teses. 5. Almeida, Fialho d' (José Valentim
Fialho de Almeida), 1857-1911 - Crítica e interpretação –
Teses. 6. Almeida, Fialho d' (José Valentim Fialho de
Almeida), 1857-1911 - Personagens – Mulheres – Teses.
7. Personagens literários – Teses. I. David, Sérgio Nazar,
1964-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0:392.65"18"

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial
desta dissertação desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Nathália Leite Rodrigues Martins

Prostituição e marginalidade feminina na ficção de Eça de Queirós e Fialho de Almeida - *Os Maias*, *A tragédia da rua das Flores*, "*A ruiva*" e "*Três Cadáveres*"

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Portuguesa.

Aprovada em 05 setembro de 2016

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Sérgio Nazar David (Orientador)

Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. Sílvio Cesar dos Santos Alves

Universidade Estadual de Londrina

Prof.^a Dra. Maria do Amparo Tavares Maleval

Instituto de Letras - UERJ

Rio de Janeiro

2016

DEDICATÓRIA

À minha amada mãe,
à minha madrinha, minha força,
à minha querida irmã,
ao meu saudoso pai,
ao meu amor de sempre e para sempre.

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido orientador, que já me acompanha desde a graduação, por toda paciência, força e entusiasmo que procurou me transmitir durante todo este processo. Sua paixão pela literatura e dedicação, certamente, deixaram em mim ensinamentos inesquecíveis e inspiradores.

A minha querida mãe que, desde sempre esteve ao meu lado me apoiando, incentivando e mais do que isso, acreditando mais em mim do que eu mesma.

A minha amada irmã por me lembrar sempre que a dedicação é essencial para se alcançar bons resultados e por sua constante presença em minha vida.

A minha querida madrinha, Lúcia Helena, por todos os momentos em que precisei de sua sinceridade e de seu apoio, que nunca me faltou.

Ao meu amado marido, Felipe, por sua compreensão e ajuda, abrindo mão muitas vezes de suas obrigações para me auxiliar, por todo seu amor e pelos momentos mais que especiais deste último ano.

Aos meus queridos avós, que desde a infância me ensinaram o valor da educação em seu amplo sentido.

À grande amiga Pauline, que em diversos momentos me deu forças para continuar com sua incrível capacidade de argumentação, se cheguei tão longe foi por sua amizade e companheirismo.

Aos amigos que me acompanham em todos os momentos: Natalia, Raphael, Caroline e Caio.

As mulheres vivem nas consequências desta decadência. Pobres precisam de *casar*. A *caça ao marido* é uma instituição. Levam-se as meninas aos teatros, aos bailes, aos passeios, para as mostrar, para as lançar à busca. Faz-se com a maior simplicidade esse acto, que é simplesmente monstruoso. Para se imporem à atenção, as meninas têm as *toilettes* ruidosas, os penteados fantásticos, e as árias amorosas ao piano.

Eça de Queirós

RESUMO

MARTINS, Nathália Leite Rodrigues. *Prostituição e marginalidade feminina na ficção de Eça de Queirós e Fialho de Almeida - Os Maias, A tragédia da rua das Flores, "A ruiva" e "Três cadáveres"*. 2016. 72 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Neste trabalho, objetiva-se investigar o papel que a prostituição exercia na sociedade portuguesa durante o século XIX e a representação literária que dela fazem dois autores realistas-naturalistas. Para isso, foram analisados textos históricos sobre as mulheres e a prostituição, ao lado dos textos literários de Eça de Queirós e Fialho de Almeida, de forma a identificar os vários perfis das personagens, as diferenças e semelhanças entre os autores, e os traços culturais que a literatura reproduz e/ou amplia e/ou distorce.

Palavras-chave: Prostituição. Os Maias. Eça de Queirós. A Ruiva. Os três cadáveres. Fialho de Almeida. Século XIX.

ABSTRACT

MARTINS, Nathália Leite Rodrigues. *Prostitution and female marginality in the fiction of Eça de Queirós and Fialho de Almeida - Os Maias, A tragédia da rua das Flores, "A ruiva" and "Três cadáveres"*. 2016. 72 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

This work has as its objective to investigate the role of the prostitution in the portuguese society during the XIX century and its literary representation by two realistic-naturalistic authors. For that purpose, were analyzed historical texts about women and prostitution, side by side with the literary texts from Eça de Queirós and Fialho de Almeida, to identify the variety of characters profiles, the differences and similarities between the authors, and the cultural traces that literature recreate and/or amplifies and/or distorts.

Keywords: Prostitution. Os Maias. Eça de Queirós. A Ruiva. Os três cadáveres. Fialho de Almeida. XIX Century.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| | INTRODUÇÃO | 9 |
| 1 | A PROSTITUIÇÃO NO SÉCULO XIX..... | 12 |
| 2 | ESTUDO SOBRE A PROSTITUIÇÃO EM EÇA: OS MAIAS E A TRAGÉDIA DA RUA DAS FLORES | 22 |
| 3 | A PROSTITUIÇÃO EM A RUIVA E TRÊS CADÁVERES, DE FIALHO DE ALMEIDA | 43 |
| | CONCLUSÃO | 67 |
| | REFERÊNCIAS | 70 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como principal escopo tratar da questão da prostituição durante o século XIX na prosa de ficção portuguesa. Baseamo-nos em dados históricos e também nas representações literárias deste tema feitas por Eça de Queirós e Fialho de Almeida.

Este estudo busca elucidar, a partir do momento político conturbado em que Portugal se encontrava e da organização das estruturas sociais da época, os papéis que as mulheres poderiam ou deveriam ocupar e que fatores externos eram vistos como responsáveis por influenciar alguns tipos de comportamento.

As obras que serão estudadas trazem à tona todo esse conjunto de fatores, já que os autores realistas-naturalistas tinham como seu principal propósito representar, o mais fielmente possível, a realidade social em que estavam inseridos.

Ainda que nós, leitores atentos, saibamos da impossibilidade de uma verdade absoluta, as obras literárias desempenham uma importante função ao estudarmos determinadas épocas de nossa história, pois, se não representam a realidade, de fato, nos deixam entrever a sociedade através dos olhos críticos de diversas personalidades da época.

Esta impossibilidade da verdade é explicada por Sérgio Nazar David em seu livro *O século de Silvestre da Silva*:

Está visto que estamos diante de dois mitos: o mito da Verdade e o mito da literatura experimental. O que não se quer ver é que todo discurso é da ordem do simbólico, ou seja, nunca poderá ser toda a verdade, porque esta é sempre não-toda. E nenhuma literatura é experimental, já que também o escritor não sabe o que é o real. Só pode abordá-lo sob a forma do simbólico e ao fazê-lo, neste ato, sempre haverá alguma subjetividade. (DAVID, 2007, p. 26)

Vemos que Sergio Nazar David explicita as impossibilidades que uma literatura que tinha como premissa narrar a realidade enfrenta, pois não há verdade absoluta, um discurso sempre está permeado de subjetividades e pontos de vista de quem o fala.

Vale ressaltar que Fialho de Almeida possuía uma visão semelhante a outros autores da época a respeito de quais motivos poderiam levar certas mulheres ao

adultério e à prostituição. Esses comportamentos foram inúmeras vezes retratados nas obras realistas-naturalistas e, normalmente, vinham acompanhados de finais trágicos para as mulheres que seguiam este caminho. Assim como Eça, que também justificava certos comportamentos das mulheres pelos problemas que afetavam a sociedade da época, especialmente, os interesses amorosos.

O primeiro capítulo desta dissertação se iniciará com um breve resumo dos principais acontecimentos do século XIX e também abordará o tema da prostituição, inserindo-a no contexto político-social da época. Trará uma análise do papel social da mulher, da organização da prostituição e os diferentes tipos de prostitutas que existiam. Este capítulo se fará essencial para a compreensão dos capítulos posteriores.

O segundo capítulo irá, inicialmente, apresentar alguns detalhes da vida de Eça de Queirós, pois dessa forma somos capazes de compreender melhor o trajeto da escrita das obras que serão analisadas: *Os Maias* e *A Tragédia da Rua das Flores*. O capítulo dois está centrado em personagens da literatura portuguesa fundamentais para a abordagem do tema da prostituição no século XIX. Algumas com comportamentos mais explícitos e padronizados, como Lola e Concha. Porém, a sociedade de então, regida por uma moral tão rígida, tinha também seus atalhos. Por isso, a nossa análise avança para casos, situações e personagens como Maria Monforte e Maria Eduarda, ambas verdadeiros enigmas a serem decifrados.

O terceiro capítulo trará alguns traços essenciais da vida e da obra literária de Fialho de Almeida. Concomitantemente, neste capítulo serão apresentadas Carolina e Marta, duas personagens retiradas dos contos de Fialho de Almeida, *A Ruiva* e *Três Cadáveres*, respectivamente. Ambas viveram em um ambiente degradante e não tiveram em suas infâncias a presença da mãe ou os cuidados do pai. Sem terem oportunidade de usufruir de uma vida melhor, acabam se deixando levar por aquilo que lhes parece o único caminho ou, simplesmente, seus destinos.

Em ambos os contos observaremos que as personagens parecem fadadas a um destino que se desenhava como certo desde muito cedo. Suas vidas são determinadas por escolhas que fazem, e que, ao mesmo tempo, aparecem como um caminho natural para as mulheres nascidas naqueles ambientes das classes mais desfavorecidas da Lisboa finissecular.

O nosso objetivo maior é oferecer uma contribuição para o estudo deste aspecto tão presente nas obras de Eça de Queirós e Fialho de Almeida. De algum modo, vislumbramos que o tema de prostituição não está dissociado das lutas das mulheres por mais liberdade e direitos, não está dissociado do enigma da sexualidade, sempre a causar enorme instabilidade no campo dos afetos. Os escritores europeus do final do século XIX – e com eles os portugueses – bem perceberam isto e também por isto foram afetados.

1 A PROSTITUIÇÃO NO SÉCULO XIX

Antes de apresentarmos a situação da prostituição no século XIX é de extrema importância caracterizarmos o século XIX em Portugal, de acordo com as suas singularidades políticas, sociais, econômicas e culturais. Trata-se de um período constituído de diversas e constantes mudanças em muitos aspectos que, certamente, possuem ligação íntima entre si.

Na primeira metade do século, a política encontrava-se em constante crise, devido à luta pelo trono entre os irmãos D. Miguel, que defendia os interesses absolutistas, e D. Pedro, que defendia os interesses dos liberais. Todo esse conflito gera uma grande instabilidade política, que se agrava com as condições terríveis de vida da maior parte da população.

O liberalismo acaba por chegar ao poder, porém surgem vários movimentos que, apesar de terem em comum sua posição contra os absolutistas, possuíam divergências quanto à forma de governo do país. Isabel Nobre Vargues e Maria Manuela Tavares Ribeiro, no volume V da coleção ***História de Portugal***, organizada por José Mattoso, esclarecem o surgimento destas diferentes expressões revolucionárias:

A evolução do liberalismo político está ligada aos vários movimentos revolucionários contra o absolutismo que ocorreram desde 1820 e que justificavam as sucessivas expressões que surgiram para o designar “vintismo” (1820 – 1823), “cartismo” (1826 – 1828; 1834 – 1836 e 1842 – 1910) e “setembrismo” (1836- 1842). No entanto, as suas ideias-força foram idênticas às principais teses e temas do liberalismo em geral [...]. (MATTOSO, 1993, p. 214)

É nesta época de intensas lutas políticas que surge o Romantismo, não só na literatura, como também nas outras vertentes artísticas. A literatura, a partir deste momento, começa a adquirir um cunho político-social.

Ainda nesta época, o Cristianismo sofreu um grave enfraquecimento, devido ao questionamento do papel da religião perante a política, a sociedade e o indivíduo. Os interesses sociais passam a ocupar um lugar de destaque em detrimento das ideologias pregadas pela igreja. Isabel Nobre Vargues e Maria Manuela Tavares Ribeiro, em ***História de Portugal***, citam uma reflexão de Vargues, uma das autoras deste capítulo, a respeito da religião em relação ao movimento liberal:

A revolução liberal não negou o papel da religião na sociedade, mas afirmou controle do Estado sobre a Igreja e ao mesmo tempo, defendeu a renovação religiosa, atribuindo à religião uma importante função moralizadora, a que associava a política. (I. Vargues, 1989). (apud MATTOSO, 1993, p. 223)

Além disso, o surgimento de outras crenças é mais um fator responsável pelo enfraquecimento do Catolicismo, pois as pessoas que não compartilhavam dos ideais religiosos vigentes ou, simplesmente, não possuíam qualquer crença, lutavam pela liberdade religiosa, causando assim a separação entre o Estado e a Igreja. A força do Iluminismo de algum modo ainda permanece no século XIX com a exaltação da razão e o questionamento – mesmo que por vezes muito tíbio – dos ideais católicos.

A Segunda Revolução Industrial também representou grandes mudanças sociais, econômicas e culturais. Esta revolução cria novas classes sociais (empresários e operários) com grandes desigualdades. Enquanto a mais abastada classe vivia em áreas nobres de Lisboa, a classe operária era submetida a situações de miséria degradantes, expostas a todo tipo de doenças. Também por conta deste árduo trabalho nas fábricas, os operários não seguiam (e não sentiam necessidade de seguir) os rituais religiosos impostos pela elite.

Por toda esta situação a que eram submetidos acentuou-se uma luta de classes por melhores condições de vida. Com isso, foram também ocorrendo lentamente importantes mudanças políticas e culturais.

A segunda metade do século XIX para a política representou um período de certa estabilidade. Os partidos Regenerador e Histórico (mais tarde passando a ser chamado de Progressista) se alternaram no poder sem grandes turbulências, porém em 1870 as revoluções francesa e espanhola fizeram com que os portugueses, já desacreditados dessa política nacional, se colocassem contra a rotatividade dos partidos e o enriquecimento da burguesia, iniciando assim uma série de revoltas.

Com a crise da religião, a ciência passou a ocupar um lugar de grande destaque, pois cabia agora a ela explicar aquilo que ainda permanecia obscuro para os homens. Também o avanço da ciência, mais especificamente da Biologia, levou à população a chance de ter mais saúde, através, principalmente, da mudança de hábitos antigos. Maria Antónia Lopes, em *História de Portugal*, cita algumas dessas mudanças:

Verdadeiras transformações de fundo podemos encontrá-las no domínio da medicina preventiva. Citamos, sem preocupações exaustivas, a vulgarização da instituição vacínica, a proibição dos enterramentos nos templos, a matrícula e exame médico das prostitutas, a fiscalização sanitária dos estabelecimentos de beneficência e educação [...] e as notáveis medidas preventivas mandadas executar por todo o país sempre que pairava a ameaça das epidemias – nomeadamente o cólera e a febre amarela, os dois flagelos deste século. (MATTOSO, 1993, p. 509).

Foi durante esta série de mudanças políticas, sociais, culturais, econômicas e científicas que surgiu o Realismo como uma nova forma de arte e literatura. O Realismo surge na Europa como um movimento na contramão do que vinha sendo feito pelo Romantismo até então. Em consonância com as novas ideias e à nova realidade que havia surgido, o Realismo se propõe a criticar os ideais românticos, a burguesia, o Estado e a Igreja. As Conferências do Casino, realizadas em 1871, vêm sistematizar os ideais realistas de acordo com as suas principais intenções e críticas.

A crítica feita pelos realistas à sociedade e aos sistemas que a compõem, certamente, é a representação subjetiva de uma realidade que passava por grandes e rápidas mudanças, mas que ainda assim apresentava aspectos considerados inadmissíveis a uma sociedade moderna, de acordo com a ideia do que seria, para os realistas, uma sociedade perfeita.

Dentro deste contexto também vemos surgir uma forma muito semelhante ao Realismo de se fazer literatura, que ficou conhecida como Naturalismo, e teve como seu principal escritor Émile Zola. O Naturalismo também tinha como intenção primordial criticar aquilo que era considerado errado na sociedade portuguesa, mas o método de escrita deveria ser tal qual o do cientista.

Podemos citar a educação adotada pela sociedade portuguesa como um desses principais fatores considerados pelo realismo-naturalismo motivo de “decadência”. Alguns autores do realismo-naturalismo acreditavam que essa educação baseada nos dogmas religiosos e românticos criava indivíduos incapazes de realizar reflexões críticas sobre a realidade do país.

Em **Os Maias**, obra de Eça de Queirós e objeto desta pesquisa, podemos ver o exemplo de Pedro da Maia e Carlos da Maia. Afonso da Maia deixou a educação de seu filho, Pedro, aos cuidados da sua esposa, que o educou sob os preceitos do Catolicismo, porém seu destino foi trágico: suicidou-se na sequência de um rompimento amoroso. Afonso, então, decide criar seu neto dentro dos preceitos da

educação inglesa, pautada na ideia do corpo são capaz de gerar uma mente igualmente sã.

Para eles, os realistas/naturalistas, a educação deveria basear-se em conhecimentos históricos, sociológicos, filosóficos e tudo mais que se baseasse nas ciências sociais ou fosse importante para abalizar pensamentos críticos, separando assim, definitivamente, a Igreja do Estado.

Esta questão da educação romântica e religiosa vem, inclusive, introduzir a questão da função social da mulher na sociedade da época, pois os autores realistas / naturalistas, em sua maioria, possuíam a crença de que a forma como as mulheres eram educadas era a grande responsável pelo adultério. Isto se daria, primeiramente, pelo casamento de conveniência, planejado pelos pais. Também o ócio da vida da mulher conduziria ao “vício”. As jovens de então terminariam por não serem capazes de obedecer e cuidar de seus maridos, de sua casa e de seus filhos.

As leituras românticas unidas a isto acabam criando, segundo os escritos realistas/ naturalistas, ilusões nas mulheres, tornando-as, então, suscetíveis a idealizarem amores e, conseqüentemente, terem amantes. A religião deveria servir como inibidora desses adultérios, servindo para controlar os impulsos sexuais, tentando deter o que a educação não detivera.

Como veremos nos contos de Fialho de Almeida, que serão estudados no capítulo dois da presente pesquisa, as mulheres que não controlam seus desejos sexuais acabam sendo castigadas com a morte e/ou tornando-se prostitutas. Vemos estas formas de punição também representadas em obras de Eça de Queirós, como *O crime do padre Amaro* e *O primo Basílio*.

Com tudo isto, iniciaremos agora uma breve exposição do lugar ocupado pelas mulheres dentro desta sociedade que, como já falamos algumas vezes, vinha passando por tão importantes mudanças, especialmente na segunda metade do século XIX. Cabe elucidar aqui, para uma melhor compreensão, como a sociedade se organiza nos seus variados níveis, levando em conta, especialmente, a situação das mulheres, visto que este estudo tem como principal intento discutir a prostituição neste século, inclusive na literatura da época.

Trata-se de uma sociedade patriarcal, sendo os homens considerados responsáveis pelo sustento e cuidados com a honra das mulheres da casa. As mulheres apenas deviam desempenhar seus papéis de donzela e moça respeitável,

quando solteira e, após o casamento, dona de casa exemplar e mãe dedicada, especialmente até a primeira metade do século XIX.

Analisemos esta função social da mulher mais a fundo.

Irene Vaquinhas escreveu um artigo para a Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, justamente sobre os estudos da história das mulheres no meio acadêmico e as dificuldades enfrentadas pelos historiadores devido às fontes. Nesse artigo intitulado *Linhas de investigação para a história das mulheres nos séculos XIX e XX. Breve esboço*, a autora afirma sobre as fontes:

Estas são, em regra, omissas quanto a informações concretas e circunstanciadas sobre as mulheres. O não reconhecimento destas como seres juridicamente autónomos, só existindo enquanto elementos de um agregado familiar, ou seja, como esposa, mãe ou filha, sem direitos políticos ou estatuto económico próprio, excluí-as dos poderes formalmente constituídos, com reflexos ao nível dos registos primários. Para as instituições oficiais, as mulheres praticamente não existiam e essa invisibilidade traduzia-se na opacidade das fontes. (VAQUINHAS, 2002, p. 209)

Vemos, então, que este isolamento e submissão impostos às mulheres desta época se reflete em diversos níveis, inclusive, dificultando estudos mais precisos sobre este período da história.

Podemos refletir sobre como esses costumes da primeira metade do século XIX, e também anteriores a este século, influenciaram tanto no comportamento das mulheres até o final do século XX ou, se formos analisar com um pouco mais de critério alguns discursos ainda feitos hoje em dia, poderemos nos deparar com alguns desses valores, que nos parecem tão retrógrados, mas que, de certa forma, permanecem vivos na sociedade.

O recolhimento, a obediência e a discrição eram qualidades indispensáveis para uma mulher ser considerada honesta no século XIX. E, ainda que após o período das revoluções francesa e espanhola, as mulheres tenham conquistado alguns direitos, como frequentar a vida pública, até então dominada pelos homens, e o direito de trabalhar fora de casa, é importante observarmos que isto, certamente, não atingiu a sociedade de uma forma geral e, menos ainda, também não decorreu de forma rápida nem sem avanços e recuos.

Está claro que a burguesia possuía regras muito mais duras que as classes menos abastadas daquela sociedade, posto que muitas vezes as meninas tinham

que trabalhar ajudando a mãe ou mesmo para complementar a renda familiar. E, a partir deste momento, já entramos na questão da prostituição, valendo ressaltar que a prostituição não estava limitada às classes populares, mas, muitas vezes, este era o único caminho encontrado por meninas ou mulheres para garantir sua sobrevivência.

José Machado Pais, em seu livro, *A prostituição e a Lisboa boémia do século XIX aos inícios do século XX*, afirmou que “muitas das vezes é a própria mãe que, levada pela necessidade ou fito de um bom lucro “negoceia a filha””. (1985, p. 76)

Enquanto isso, na burguesia, para garantir o futuro das mulheres, os homens da casa tentavam arranjar um bom casamento para elas, preferencialmente, com pretendentes de famílias bem abastadas. E desses casamentos arranjados surgiam, então, os adultérios, que eram vistos como uma falta grave à moral, especialmente se praticados pelas mulheres. Não é muito difícil imaginar qual o destino dessas mulheres caso fossem descobertas em “erro” por seus maridos. Mas também sabemos que – assim nos mostram os romances -, cumpridas as regras da discricção o adultério foi também tolerado, em algumas situações tanto para o homem quanto para a mulher, isso considerando que as obras literárias possam ser entendidas não como verdade absoluta do que ocorria naquela sociedade, mas como um relato subjetivo de alguns fatos comuns da época.

Percebemos que as mulheres ocupavam ainda um lugar muito restrito na sociedade, ainda que, segundo Irene Vaquinhas, na segunda metade do século XIX, já comecem a aparecer fontes mais precisas e, inclusive, mulheres assinando artigos jornalísticos.

Já sabemos as principais razões que levam as mulheres a se prostituírem no século XIX, porém será que estas mulheres marginalizadas também possuíam algum tipo de função social? Esta questão, certamente, será respondida positivamente se pensarmos a prostituição com um fenômeno social e levarmos em consideração todas as transformações sofridas neste século.

Em seu livro, *A prostituição e a Lisboa boémia do século XIX aos inícios do XX*, Pais nos esclarece como a prostituição deve ser vista durante o século XIX:

[...] É que a prostituição, para além de constituir um fenómeno social – e por isso mesmo susceptível de merecer o interesse de uma atenta leitura sociológica – é, sem exageros, uma verdadeira instituição social – uma

instituição complementar da ligação estável que monopoliza as relações sexuais <<legítimas>>: a monogamia. [...] (PAIS, 1985, p. 6)

A partir deste trecho transcrito acima observamos que a instituição do casamento era, na verdade, uma imposição da sociedade para manter uma atmosfera composta pela moral. Porém, por trás disso, o casamento arranjado acabava estimulando a prostituição. Esta, por sua vez, também colaborava para que as jovens solteiras continuassem castas; e as senhoras, mulheres casadas, continuassem mantendo seus princípios.

Outro fator que devemos levar em consideração é a maneira como a sexualidade era tratada durante o século XIX. Este era um tema proibido dentro das famílias, pois a mulher não poderia participar de nada que envolvesse este assunto, mesmo com seu marido, já que a sua única preocupação deveria ser a reprodução. José Machado Pais nos fala exatamente isto em seu livro:

Aliás, não é por acaso que tudo o que no século XIX ande à volta de sexo e putas seja murmúrio ou segredo. A sexualidade encontra-se cuidadosamente encerrada. A família conjugal confisca-a por inteiro na sociedade da função reprodutora. Os únicos lugares da sexualidade reconhecidos, utilitários e fecundos são a alcova ou o bordel. (PAIS, 1985, p. 27)

Durante todo o seu livro, o autor refere-se ao costume dos casamentos arranjados como o principal fator que levava as mulheres ao adultério e os homens a procurar na prostituição aquilo que lhes era negado em seu matrimônio. O autor, inclusive, afirma que estes fatos são consequências dos casamentos arranjados, o que não deixa de ser também uma ilusão.

[...] Ao fim e ao cabo, e dado que as leis do casamento eram quase as leis da base da propriedade o amor e a vida sexual eram quase inevitavelmente procurados fora do matrimônio. Os casamentos fabricados tinham necessariamente de provocar uma dupla consequência – os amantes e a ilegitimidade e, com esta, a prostituição. (PAIS, 1985, p. 31-32)

Visto isto, concluímos que a função social da prostituição ia além de, simplesmente, satisfazer desejos sexuais. A prostituição contribuía para o bem-estar daquela sociedade, tentando manter os casamentos como instituição monogâmica e sagrada – e não mantinha - , além de também tentar proteger as jovens, que ainda

almejavam se casar, dos ímpetos sexuais dos homens. Também neste último aspecto nem sempre atingia o seu fim.

A prostituição, apesar do seu já reconhecido papel, obviamente, gerava grande polêmica na época, por inúmeras questões que iam desde os lugares que as prostitutas frequentavam até os cuidados referentes à saúde pública. As prostitutas estavam expostas a uma série de doenças que, na maioria das vezes, levavam-nas ao óbito ainda com pouca idade. Sendo assim, o Governo implementou uma legislação que tinha por objetivo diminuir o número de mortes por doenças venéreas, cuidando da “situação higiênica” a que as prostitutas ficavam expostas.

O Governo várias vezes tentou intervir na situação da prostituição neste século tomando diferentes medidas. Em 1858, segundo afirma Pais, foi promulgado o Regulamento Policial das Meretrizes e Casas Toleradas da Cidade de Lisboa, que tinha como principal objetivo retirar as prostitutas dos locais públicos para que as “mulheres respeitáveis” não se confundissem com elas. Isto ocorreu devido aos recentes direitos conquistados pelas mulheres de frequentar a vida pública. Pais diz que, “quando as mulheres “virtuosas” puderam passear pela rua ou ficar na janela, as prostitutas começaram a ser perseguidas, com o objetivo de serem retiradas da “vida pública”.” (1985, p. 24).

Ainda assim, havia muitas regras que deveriam ser seguidas para que nenhuma mulher “de bem” fosse confundida com as prostitutas. Isto porque a vida social estava cada vez mais diversificada e cheia de tentações. Cada vez mais as prostitutas ocupavam seu espaço dentro da vida pública e não apenas nos locais escondidos da cidade, mas também nos lugares em que a alta sociedade lisboeta frequentava. E, justamente por este motivo, começaram a ocorrer movimentos que tinham como objetivo expulsar as prostitutas do meio social.

O espaço da prostituição, no século XIX, em Portugal, vai se modificando, porém é importante ressaltar que os movimentos dos que se opõem à prostituição sempre serão para a sua marginalização em relação àquela sociedade moralizadora e repleta de dogmas cristãos. Inclusive, foram criadas algumas associações que intentavam retirar algumas mulheres da prostituição.

Em meados do século XIX, a partir do discurso regulamentarista, que pregava a organização da prostituição de acordo com o pensamento higienista dominante, as prostitutas sofreram com um maior isolamento pela proliferação das casas de

toleradas ou bordeis. José Machado Pais esclarece como esses lugares eram vistos: “É assim que o bordel aparece como lugar privilegiado da Lisboa boémia onde o sexo e a prostituição gozam de tolerância pouco menos que absoluta.” (1985, p. 44)

Tais bordeis também possuíam as suas regras, as “donas de casa”, as alcoviteiras, tratavam as mulheres com familiaridade e não somente ofereciam-nas, mas disponibilizavam também as casas.

O fato é que, se as casas de toleradas sempre vão existir, nunca a prostituição se concentrou apenas nestes locais, mesmo porque a prostituição se desdobrava em inúmeras facetas, com personagens diferentes, situações distintas e, como não poderia deixar de ser, nos mais diversos locais.

Se a meados do século XIX, o discurso regulamentarista, a favor das casas de toleradas tinha como objectivo primordial a <<a concentração do vício>> isolando-o das vistas da sociedade <<respeitável>>, com o virar do século o espaço prostitucional passa a asentar em circuitos subtis e móveis que as prostitutas percorrem. (PAIS, 1985, p. 109)

Vemos, no livro de José Machado Pais, que ocorriam paralelamente muitas outras formas de exploração sexual. Já no início do século XX surgem as engatadeiras, que atuam “como verdadeiros agentes do tráfico” (1985, p. 76). Ainda em meados do século XIX, os chulos, que desde sempre viveram à custa de mulheres, explorando-as, passam ainda a “contribuir com uma quota para elas das quais nada recebiam senão os conhecidos favores*” (1985, p. 79)

Desta forma, podemos perceber que a prostituição deve ser encarada como um problema social muito difícil de ser caracterizado, pois as formas de exploração são diversas e vão se modificando para se adequar às épocas, demandas ou necessidades.

Certamente, estas formas de prostituição citadas até aqui foram mais comuns entre as prostitutas que atendiam uma parcela menos abastada da sociedade e habitando em locais mais afastados da vida burguesa. Sabemos, porém, que mesmo a aristocracia convivia com o meio prostitucional e frequentava os locais mais baixos deste meio.

Existem diversas categorias de prostitutas, porém a mais cotada eram as *cocottes*, que apenas estavam disponíveis àqueles que possuíssem um alto poder aquisitivo. Isto porque as *cocottes*, normalmente, eram mantidas por homens burgueses que as vestiam com roupas caras da moda e jóias. Elas frequentavam

livremente a vida pública, como os cafés e teatros. A sociedade as diferenciava das senhoras, mulheres casadas e “respeitáveis”, pelas roupas que vestiam, normalmente mais berrantes, e por seu comportamento. Pais afirma que “a *cocotte* assumia-se, em finais do século XIX, como a garantia da *meia moral pública*.” (1985, p. 116)

No livro *A Tragédia da Rua das Flores*, que será abordado e estudado no próximo capítulo desta pesquisa, podemos observar uma história de incesto com muitas reviravoltas. Neste momento, porém, cabe ressaltar a personagem Geneveva de Molineaux, uma *cocotte*, já com certa idade e muitas experiências pela vida, como vamos descobrindo no decorrer do romance.

Também em *Os Maias*, temos Maria Monforte e Maria Eduarda como exemplos bastante elucidativos de como as *cocottes* se comportavam e circulavam pelo espaço privado e público da sociedade portuguesa.

Seguindo por esta ideia de prostituição, aumenta consideravelmente o número de *protegidas*. Os homens começaram a buscar uma forma de prostituição que imitasse o modelo matrimonial. Essas prostitutas, geralmente, tinham uma casa dada e mantida por um homem e eram muito bem pagas. Pais faz a seguinte afirmação sobre este tipo de prostituição:

[...] Esta nova procura passa pela difusão do modelo conjugal burguês mesmo ao nível das estruturas da prostituição o que origina, por seu lado, uma adaptação à procura e à nova corrente de sensibilidade sexual. O cliente começa a exigir outros rituais de sedução, outros simulacros de sentimento e dedicação – de acordo com os padrões de gosto pequeno-burgueses. (PAIS, 1985, p. 121)

Vemos assim, que a prostituição se insere na vida social de diversas formas.

A prostituição não deve ser considerada apenas como um castigo para as mulheres que, de alguma forma, deste modo foram viver. Algumas vezes as jovens de famílias pobres encontravam na prostituição uma saída para situações críticas de violência. Algumas jovens – acertadamente ou não – terão visto na prostituição uma forma de liberdade.

2 ESTUDO SOBRE A PROSTITUIÇÃO EM EÇA: OS MAIAS E A TRAGÉDIA DA RUA DAS FLORES

José Maria Eça de Queirós viveu até os cinquenta e cinco anos de idade e dedicou trinta e cinco anos desta sua curta vida a escrever obras que marcaram de forma muito profunda toda a sociedade portuguesa da segunda metade do século XIX.

Em toda a sua vida literária, Eça de Queirós, como é lembrado, sempre buscou tratar temas relevantes para a sociedade portuguesa da época. Discutia os problemas enfrentados pela decadência da nação portuguesa, criticava os valores que regiam essa sociedade e tudo o que ele acreditava ser prejudicial ao progresso de seu país.

Sempre na obra de Eça desde os primeiros folhetins do Distrito de Évora e das primeiras Farpas, designadamente o seu primitivo prólogo, os conceitos de decadência nacional, de patriotismo, de nacionalismo, de dependência nacional, de programa regenerador se intrincam ambígua e obsessivamente no sentido da elaboração do complexo ideológico da “miséria portuguesa”. (LIMA, 1987, p. 146)

Essa “miséria portuguesa” a que Isabel Pires de Lima se refere é definida por João Medina como um problema que atingia os intelectuais portugueses, especialmente da segunda metade do século XIX.

Em Portugal, durante o século XIX, pairava um ar pessimista, tedioso; aparentemente, os costumes e a moral que regiam os portugueses nesse período vinham se dissipando sem que ninguém fizesse ou quisesse fazer algo que pudesse impedir essa ruína que parecia tão iminente.

É certo que a sociedade portuguesa, nesta época, passava por uma estagnação em diversos aspectos: técnico, cultural, econômico, político e social, especialmente, se comparado ao restante da Europa. Foi, justamente, essa aparente alienação, que fez com que os jovens da Geração de 70 assumissem o papel de críticos dessa sociedade, chegando, inclusive, a se reunirem, em 1871, nas Conferências do Casino, lideradas por Antero de Quental, para discutir essas questões que os desagradavam e que, segundo acreditavam, estavam deteriorando a sociedade portuguesa e impedindo o progresso do país.

Isabel Pires de Lima afirma, inclusive, que este sentimento de decadência atingiu não somente alguns aspectos da sociedade, mas diversos aspectos e que isso aparece por toda obra de Eça : "Tal sentimento de decadência nacional que atingiria tanto a moral como a religião, tanto a vida política como a social, perpassa por todo o livro e por toda a obra anterior de Eça." (1987,p.45)

Isabel, porém, ressalta que é importante não confundir este sentimento de decadência nacional com o decadentismo enquanto expressão artística.

Desde essa época, Eça já possuía seu estilo de escrita tão característico, obviamente, aperfeiçoado ao longo dos anos. Carlos Reis afirma que esses elementos característicos definem o que há de essencial em Eça e cita alguns deles: "A atitude crítica, o culto do Realismo, o estilo inovador, a fina ironia, a técnica do romance e do conto e também o culto reiterado de certos temas: a condição da mulher, o adultério, o anticlericalismo etc" (2000, p.4)

Vale ressaltar, porém, que Eça foi muito além dessas características elencadas pelos estudiosos de sua obra. Eça, também possuía, especialmente no início de sua carreira literária, traços do Romantismo. Nem por isso deixou de criticar duramente o Romantismo. Abaixo, veremos um trecho retirado de uma publicação feita no jornal O Distrito de Évora, a crítica tem o tom do moralismo da geração de 70, que vê no Romantismo uma escola de vícios não devidamente castigados:

Desgraçado o país onde se fazem sentir os efeitos de decadência espiritual e a literatura se torna de imitação, de rotina, sem grandeza, sem ideal. Esse país perder-se-á pelo abaixamento moral. (...) Quando a literatura é fraca, estéril, doentia, baixa, produz o vazio dos espíritos e a indiferença das inteligências; quando é imoral, escarnecedora, injusta, produz o entorpecimento das consciências; os elementos da dissolução que contém passam para os espíritos populares; pelo livro, pelo teatro, pelo jornal, a influência maléfica espalha-se, corrói, destrói. Perdida seria para a justiça, para o bem e para o direito, a sociedade cuja literatura consagrasse o adultério, celebrasse o desprezo pela paternidade e escarnecesse o trabalho. (QUEIRÓS: 2000a, p. 628)

Em suas obras, Eça recorria a temas específicos com grande frequência: o anticlericalismo, a educação romântica e a grande interferência da Igreja Católica na vida da época e, dentro desta lógica, o papel da mulher dentro da sociedade, como vimos no trecho mencionado acima.

Isto porque a mulher do século XIX era criada para ser a esposa ideal dentro de casamentos arranjados pelos homens de suas famílias logo, segundo Eça acreditava, as ideias românticas eram responsáveis por criar nas mulheres ilusões que, por não se concretizarem, levavam-nas a buscá-las fora de seus casamentos praticando o adultério.

Todos esses fatos levavam à decadência daquela sociedade, que passava por importantes mudanças, ainda que de forma mais lenta que o restante da Europa.

Este capítulo tem como seu principal objetivo utilizar algumas de suas obras e, talvez, mais especificamente, algumas personagens presentes nessas obras para observarmos e analisarmos como a prostituição era encarada e, assim, refletirmos sobre a função social que a mulher e a própria prostituição exerciam naquela sociedade.

As desordens da História, até a Revolução Francesa, estão ligadas ao desequilíbrio dos sexos. A mulher foi criada para a família e para as coisas domésticas. Mãe e dona de casa, esta é a sua vocação, e nesse caso ela é benéfica para a sociedade inteira. (PERROT, 1998, p. 9)

Perrot faz um estudo histórico extremamente elucidativo para quem quer compreender a função da mulher, especialmente as que pertenciam à classe média, neste período da história dentro da sociedade europeia. Fica claro, que o papel da mulher se resume ao espaço privado, mas há uma valorização desta dimensão, pois o discurso desta época começa a compreender a educação que a mulher dava aos seus filhos como um reflexo do futuro, visto que eles assumiriam papéis importantes na sociedade ao se tornarem adultos.

Ainda assim, houve grandes mudanças nestas questões, pois o avanço da tecnologia e a necessidade de mão de obra qualificada fizeram com que algumas mulheres da classe média conseguissem empregos que exigiam um pouco mais de conhecimento, como professoras e governantas.

Dito isto, devemos saber que as obras que aqui serão analisadas fazem parte de um projeto fracassado de Eça, as “Cenas Portuguesas”. Esse projeto tinha como seu principal intento denunciar as mazelas da sociedade, os vícios que estavam entranhados em seu meio e os costumes que colaboravam para a sociedade decadente portuguesa. Tudo isto, segundo a visão Realista/ Naturalista, que, no início de sua vida literária, guiava Eça de Queirós.

Eu trabalho nas *Cenas Portuguesas*, mas sob a influência do desalento. Convenci-me de que um artista não pode trabalhar longe do meio, em que está a sua matéria artística. (...) eu não posso pintar Portugal em Newcastle. Para escrever qualquer página, qualquer linha tenho de fazer dois violentos esforços: — desprender-me inteiramente da impressão que me dá a sociedade que me cerca — e evocar, por um retesamento da reminiscência, a sociedade que está longe. Isto faz que os meus personagens sejam cada vez menos portugueses — sem por isso serem mais ingleses: começam a ser convencionais; vão-se tornando *uma maneira*. Longe de um grande solo de observação — em lugar de passar para os livros, pelos meios experimentais, um perfeito resumo social — vou escrevendo, por processos puramente literários e *a priori*, uma sociedade de convenção, talhada da memória. (QUEIRÓS: 2000b, p.123)

O trecho acima foi retirado de uma carta de Eça a Ramalho Ortigão de 1878, em que Eça queixa-se da dificuldade em desenvolver sua escrita sem um dos principais guias do estilo literário: a observação. Como vemos, Eça, de fato, acreditava que a observação era essencial para a escrita de sua obra e o fato de estar na Inglaterra não o deixava escrever personagens portugueses críveis. Desta forma, ele não obedecia aos princípios que o Realismo/ Naturalismo pregava, distanciando-se, assim, do estilo que o guiava desde o início de sua carreira literária.

Carlos Reis acredita em duas possibilidades para que este projeto não tenha tido êxito:

[...] por um lado, na ausência da pátria, forçada pelas funções diplomáticas exercidas por Eça, ausência essa que retirava ao romancista possibilidades de observação directa do contexto social sobre que se debruçaria; por outro lado (e mais uma vez) na desagregação do Naturalismo, a qual inviabilizava uma empresa que, pelo menos em projecto, tinha alguma coisa que ver com as suas coordenadas fundamentais. (REIS, 2002, p. 20)

Com esta colocação de Carlos Reis, observamos que o Naturalismo passou por um processo de desagregação e que isto, sem dúvida, teve sua influência na escrita de Eça. Este fato torna-se relevante, visto que uma das obras a serem aqui analisadas, *Os Maias*, teve uma longa gestação, cerca de oito anos. Sendo assim, como o próprio Reis afirma, a obra em diversos momentos vai se aproximar e, em muitos outros, irá se afastar dos preceitos naturalistas.

Em 1880, Eça já estava escrevendo *Os Maias*, porém a publicação do romance somente se dará em 1888. Isto ocorre devido à dificuldade que Eça encontra para narrar o cotidiano de uma família portuguesa estando longe de Portugal. A história atravessa, praticamente, todo o século XIX:

Em *Os Maias* somos postos, aparentemente, e num primeiro momento, perante o típico romance realista-naturalista de família, de narrador onisciente. Um narrador que começa a contar-nos um episódio da vida da família dos Maias, aberto com sua mudança para a residência lisboeta do Ramalhete, no Outono de 1875. (LIMA, 1987, p. 95)

Na verdade, ao escrever *Os Maias*, o que Eça faz é criar uma crônica repleta de ironia para personificar alguns aspectos que atingiam a sociedade portuguesa e, assim, desenvolver sua crítica social. Os tipos que Eça utiliza em seus livros, que vão além da família Maia, nos permitem enxergar usos e costumes daquele meio como a corrupção, a superficialidade no trato social e a ignorância.

Aliás, a crítica da época, aquando da publicação de *Os Maias* em 1888, mostra-se muito sensível ao que considera o ponto de vista maledizente do autor, isto é, fundamentalmente à crítica de costumes contida no romance. Fialho de Almeida vai além desta posição ditada por um patriotismo fácil, embora não consiga escapar-lhe, e pressente algo mais: a tal da óptica decadentista [...] (LIMA, 1987, p. 43)

No trecho anterior já entrevemos também uma das críticas que Fialho faz a Eça, prática recorrente entre os dois.

No *Dicionário de Eça de Queiroz*, organizado por A. Campos Matos, no verbete *Os Maias. Episódios da Vida Romântica*, encontramos uma citação de Jacinto Prado Coelho, retirada de “Para a compreensão d’Os Maias como um todo orgânico” (in *Ao contrário de Penélope*). Nesta citação, Jacinto desenvolve ideias importantes para a discussão da obra.

Os Maias encerram um pensamento, destinam-se a fazer pensar. Com ironia grave alertam sobre os perigos do amor-paixão, põem em dúvida a justeza dos “espíritos fortes” (pois não teve razão Vilaça ao prevenir de que as paredes do “Ramalhete” eram fatais?), desafiam as leis da verossimilhança, combinam positividade e transcendência. Mas o que domina como objeto de reflexão é Portugal, personagem oculta por detrás das personagens visíveis. Um país aparentemente sem remédio, um país que as *elites* não são capazes de salvar. (COELHO, in *Dicionário de Eça de Queiroz*)

A partir do trecho transcrito acima podemos analisar *Os Maias* mais profundamente. A família Maia em si representa Portugal e sua ruína. Vemos que, através de um conjunto de acontecimentos tanto a família Maia como Portugal vão se tornando apáticos, conformados.

Neste romance, os personagens possuem opostos: um que afirma, acredita e outro que nega, não crê. Isso retrata a realidade daquele momento em Portugal. Valores que iam se desfazendo, transformações quase constantes, mesmo a moral já não era mais entendida da mesma forma, a tecnologia ia tomando seu lugar, assim como o cientificismo começava a ter mais crédito e a Igreja perderia sua importância.

E diante de tudo isso como se comportavam os indivíduos? Com apatia, conformismo. Assim como a família Maia, que já volta ao Ramalhete com uma predestinação ao fracasso. Mesmo com todo o esforço de Afonso para tornar seu neto diferente de seu filho, Pedro da Maia, nada adiantou. Ele acaba vendo a história se repetindo e também desiste, sua morte é a sua desistência. Concluímos, então, que a formação do ser humano não se faz somente pelo meio em que está inserido, há outros fatores que interferem diretamente na formação de seu caráter e personalidade.

Ao longo do romance, vemos Carlos desistindo. Desiste de sua carreira, de suas aventuras, de seus sonhos e, finalmente, de Portugal. E é assim que Eça vê a sociedade portuguesa, como desistente.

O incesto entra nesta questão como o imprevisível, o incontrolável. O que Eça quer colocar em questão neste momento é a Razão como único modo de compreender a vida. Como é possível explicar um incesto racionalmente dentro de uma sociedade estruturada? Esta é a incredulidade que Eça demonstra durante a descoberta. A crítica aqui se faz através da incompreensão de fenômenos que ocorrem em nossas vidas que não são possíveis de explicar somente pela razão.

Há diversos estudiosos que creem que Eça colocou sua voz em *Os Maias* no personagem Eça. E é através dele que Eça expôs sua crise em relação ao Realismo. Ele já não mais acreditava que a Arte poderia revolucionar a vida, ou que existisse uma forma de narrar a verdade absoluta através da Arte.

Fialho de Almeida, autor cujas obras serão analisadas no próximo capítulo desta dissertação, fez críticas ferrenhas a esta obra de Eça. Criticou o “abuso aos galicismos”, afirmou que os personagens de Eça eram todos iguais e que Eça não conhecia a vida portuguesa. Ainda assim, Fialho faz elogios ao livro e compara Eça a Thackeray. Eça responde às críticas e, no decorrer dos anos, os desentendimentos entre os dois vão se tornando maiores.

Isabel Pires de Lima comenta sobre estas rugas entre Fialho de Almeida e Eça de Queiroz

[...] Fialho de Almeida mostrou-se capaz de entender e aceitar até a perspectivação decadentista de Eça, enquanto a sentiu temperada pela ironia, mas quando o jogo é aberto, isto é, no episódio final do romance, a que ele alude, então o seu nacionalismo sente-se ferido. (LIMA, 1987, p.44)

Cabe atentar para o fato de que Eça escreve sobre a classe média enquanto Fialho, como veremos no próximo capítulo, escreve sobre uma Lisboa escusa, quase desconhecida. Talvez, por isso, também sua crítica aos personagens e espaços descritos por Eça em seus romances.

Os Maias são uma família portuguesa tradicional com uma confortável situação econômica. Afonso da Maia é o patriarca da família e tem um filho, Pedro da Maia. Pedro teve uma educação romântica e cristã, por influência de sua mãe. Ele se apaixona por Maria Monforte e casa-se com ela, ainda que seu pai não aprovasse. Eles têm dois filhos: Carlos Eduardo e Maria Eduarda. Maria Monforte acaba fugindo com um amante italiano e leva com ela Maria Eduarda. Pedro acaba se suicidando, deixando seu filho para ser criado pelo avô, que não quer cometer o mesmo erro com o neto e lhe dá uma educação inglesa.

Este início da trama já nos permite entrever críticas de Eça à educação dada na época, uma educação romântica baseada nos preceitos religiosos e na cartilha, em contrapartida à educação inglesa recebida por Carlos, que lhe dá vigor físico e conhecimento mais amplo do mundo.

A educação portuguesa era feita em casa por membros da Igreja que utilizavam a Bíblia e algumas cartilhas para ensinar às crianças a ler e, obviamente, os preceitos pregados pela Igreja Católica, tornando-as crianças apáticas, como Eusebiozinho. D. Afonso acreditava que seu filho Pedro tinha se tornado um homem fraco, devido a este tipo de educação, certo de que ela criava ilusões e tornava as crianças medrosas, sem saber lidar com as intempestividades que vem a ocorrer na vida de qualquer pessoa.

Carlos Reis em seu livro *Introdução à leitura d'Os Maias* faz um pequeno resumo do que seria esta educação portuguesa dada a Pedro da Maia:

[...] assistimos ao desenvolvimento da típica educação portuguesa oitocentista e conservadora: o primado da cartilha e com ela uma

concepção essencialmente punitiva da devoção religiosa; o latim como prática pedagógica fossilizada e não criativa; e sobretudo a fuga ao contacto directo com a natureza e com as realidades práticas da vida. Tudo isto ganha uma importância particular, quando reconhecemos no Pedro da Maia adulto, os reflexos desta educação: a devoção histérica e a incapacidade para encarar e resolver as contrariedades com que se defronta. (REIS, 2002, p. 41-42)

Sendo assim, D. Afonso escolhe um preceptor inglês para seu neto porque acredita que a razão deveria ser o princípio a reger a vida dos indivíduos e não a religião cínica que regia tantas vidas naquela época. Queria que seu neto tivesse acesso a grandes obras literárias da época, que praticasse exercícios físicos para também fortalecer o corpo e assim, se tornasse um homem digno e justo porque, de fato, acreditasse nesses valores e não por medo de algum castigo divino.

Carlos Reis também faz referência a educação inglesa recebida por Carlos da Maia:

[...] Carlos é submetido a uma educação tipicamente inglesa: privilégio da vida ao ar livre, contacto com a natureza, exercício físico, aprendizagem de línguas vivas, desprezo pela cartilha e por todo o conhecimento exclusivamente teórico[...] (REIS, 2002, p.42)

Carlos da Maia, então, se forma em medicina e volta a morar com seu avô. Ele começa a se envolver na vida da sociedade lisboeta, tem casos com mulheres casadas, até que conhece Maria Eduarda. Carlos acha que ela é casada com um brasileiro e tem uma filha, porém, na verdade, ela é apenas mantida financeiramente por Castro Gomes. Eles, através de amigos em comum, se aproximam e têm um caso amoroso. O decorrer do livro vem mostrar algumas situações que passaram juntos, porém o ponto alto é quando Carlos descobre que ela é sua irmã e que eles estavam cometendo incesto.

Carlos ainda tem relação sexual com ela quando já sabe que ela é sua irmã, porém acaba contando. Ela pega sua parte da herança e vai embora. Carlos vai viajar, retornando a Portugal apenas no final do livro, para constatar que tudo continua igual naquele país.

Isabel Pires de Lima vai chamar *Os Maias* de “romance da desilusão”. É a história de desilusão de uma família, mas que é representada mais fortemente através de Carlos (da sua geração) e do grupo social a que pertence. Como já foi dito, ele tinha tudo para ser bem sucedido: seu avô lhe deu a educação inglesa, fez

medicina na faculdade de Coimbra, volta a Lisboa e tem seu consultório, mas os acontecimentos vão fazendo com que ele desista de prosseguir com seus planos.

O final do livro é emblemático em demonstrar esta desilusão que assola sua vida e a de Ega, que chegam à conclusão de que “desistir é a única solução”. (LIMA, p.46)

Este final trata do retorno de Carlos e Ega a Lisboa mais de dez anos após sua partida. Eles notam que Portugal pouco mudara e que os próprios portugueses não causam boa impressão a quem chega do exterior por serem “uma gente feíssima, encardida, molenga, reles, amarela, acabrunhada!...” (QUEIRÓS, 2009, p.566)

Então, começam a refletir sobre todos os momentos que passaram ali e chegam à conclusão que não vale a pena viver.

Ega, em suma, concordava. Do que ele principalmente se convencera, nesses estreitos anos de vida, era da inutilidade de todo o esforço. Não valia a pena dar um passo para alcançar coisa alguma da Terra, porque tudo se resolve, como já ensinara o sábio do *Eclesiastes*, em desilusão e poeira.

[...]

E ambos retardaram o passo, descendo para a rampa de Santos, como se aquele fosse em verdade o caminho da vida, onde eles, certos de só encontrarem, ao fim, desilusão e poeira, não devessem jamais avançar senão com lentidão e desdém. [...] (QUEIRÓS, 2009, P. 581)

O interessante para nossa análise é refletirmos sobre o papel que Maria Monforte e Maria Eduarda exerceram na história e porque consideraremos prostituta a primeira e a segunda será analisada de forma diferenciada, levantando detalhes de sua história e o lugar que vai ocupando na sociedade. Além delas, há também Lola e Concha, prostitutas espanholas que aparecem no episódio de Sintra.

É importante ressaltar neste ponto de nossos estudos que Eça aceitava a teoria proudhoniana, que afirma que há somente dois lugares destinados à mulher: esposa ou prostituta. Para Proudhon, mulheres e homens são seres diferentes, a mulher se encontra submissa e somente seria capaz de superar o homem, se fosse guiada por um homem.

Dito isto, já conseguimos compreender o porquê de considerarmos Maria Monforte como um tipo de prostituta, pois abriu mão de ser esposa para ser amante e durante sua vida se relacionou com diversos homens.

Ao observarmos outros romances de Eça, chegaremos à conclusão de que Eça nunca se encantou por histórias românticas, paixões arrebatadoras e com final feliz, especialmente para a mulher. Eça inúmeras vezes encarou o casamento como uma instituição fadada ao fracasso naquela sociedade e as mulheres como seres pecadores e sedutores.

Em *Os Maias* mesmo, podemos ver Raquel Cohen e a Condessa de Gouvarinho como mulheres que buscavam fora do casamento aventuras amorosas, porém perante a sociedade mantinham a aparência de mulheres respeitáveis.

(...) — *ter um amante* significa — ter uma quantidade de ocupações, de fatos, de circunstâncias a que, pelo seu organismo e pela sua educação, acham um encanto inefável. (...) *Ter um amante* é ter a feliz, a doce ocasião destes pequeninos afazeres — escrever cartas às escondidas, tremer e ter susto: fechar-se a sós para pensar estendida no sofá; ter o orgulho de possuir um segredo: ter aquela idéia dele e do seu amor, acompanhando como uma melodia em surdina todos os seus movimentos (...) Estas pequeninas coisas, que enchem a sua existência, que a complicam em cor-de-rosa, que a idealizam — são a sua grande atração. É o que amam. (QUEIRÓS: 2000a, p. 895)

No trecho acima, que foi publicado n'As *Farpas* em 1872, Eça atribui a necessidade ter um amante para que pudessem preencher suas vidas, principalmente da classe média, à ociosidade das mulheres. Sendo assim, uma mulher ocupada, teoricamente, não sentiria o desejo de ter um amante, seria ela, então, mais virtuosa. Essas ocupações, certamente, seriam com o seu papel de dona de casa e mãe. Nada além disso.

Trazendo para o âmbito literário, se observarmos os romances do autor, não somente os analisados neste trabalho, veremos, com Beatriz Berrini o seguinte retrato feminino:

[...] Pousando o olhar principalmente sobre mulheres casadas, o autor fê-las adúlteras, quase sempre fúteis e pouco inteligentes, facilmente manipuláveis pelos homens. Trata-se de criaturas não emancipadas, sem profissão definida, educadas e encaminhadas para o casamento, numa sociedade dominadas pelo dinheiro, dentro de estruturas econômicas, sociais e familiares que as condicionam à obediência e à veneração pelo homem. Serão aceites se decidirem inclinar-se perante tais padrões ou desprezadas se os rejeitarem: a mulher é um ser marcado pela chancela masculina, objecto do seu uso e ao seu serviço. [...] (BERRINI, 1988, p.483 in Dicionário De Eça de Queiroz)

Este trecho traz um ponto crucial para nossa análise.

A questão da aceitação ou não-aceitação dessas mulheres pela sociedade entra aqui como primordial para compreendermos a perspectiva em que serão analisadas algumas personagens.

No próximo capítulo, a questão da não-aceitação de alguns tipos pela sociedade será bem mais clara. Porém aqui, quando falamos sobre Maria Monforte e Maria Eduarda, é necessário um estudo mais aprofundado dos valores fincados nessa sociedade para compreendê-las.

Desta forma, é importante saber que Eça coloca em seus romances, certamente, sua visão irônica e suas ideias sobre a mulher, mas neste aspecto nem sempre sabemos se está de acordo com o senso comum da época, se é que existiu um senso comum. Francisco Dantas acredita que as concepções sobre as mulheres poderiam ser relativizadas desde que fosse do interesse masculino:

Pois *Os Maias* se encarrega de demonstrar o limbo social, a indigência em que a mulher se encontra na segunda metade no século XIX, reduzida a um punhado de indefinições, cujas acepções podem ser, cada uma por sua vez, arbitrariamente atualizadas diante das conveniências da ótica masculina que as manipula. (DANTAS, 1999, p. 232)

Iremos começar nossa análise por mulheres que sem sombra de dúvida são prostitutas. N' *Os Maias* temos Lola e Concha, espanholas que vemos no episódio de Sintra, acompanhadas por Eusebiozinho e Palma. Retornamos a Beatriz Berrini:

[...] constituem o grupo feminino que a sociedade burguesa masculina tolera, pois serve os seus fins, objectos que se compram, trocam ou são jogados fora quando já não servem mais. As personagens masculinas que se deixam atrair por tais mulheres são textualmente ridicularizadas, seja por assim se rebaixarem seja por serem enganadas por elas. [...] (BERRINI, 1988, p.481 in Dicionário De Eça de Queiroz)

Normalmente, para sair com tais mulheres os homens escolhiam locais mais reservados, Em *Os Maias* encontramos essas personagens em Sintra. Quando Eusebiozinho reconhece seus amigos Carlos e Cruges, se sente envergonhado, justificando sua presença ali como prescrição médica. Ele acaba negando que está com uma das duas mulheres e a sua companheira se sente ofendida causando um escândalo que constrange a todos os presentes. Ele acaba piorando toda a situação com a sua atitude e mais se ridiculariza, inclusive tendo que ir pedir perdão para a espanhola.

Vemos que ainda que sejam relações ilegítimas, sob o olhar do senso comum da época, havia um traquejo social necessário para se lidar com tais mulheres.

As prostitutas espanholas são, de fato, mulheres de má reputação. Não ficavam em bordéis, porém já eram conhecidas pelo meio e salões que frequentavam.

O olhar do narrador queirosiano traz as marcas dos preconceitos da época:

Uma das espanholas era um mulherão trigueiro, com sinais de bexigas na cara; a outra muito franzina, de olhos meigos, tinha uma roseta de febre, que o pó-de-arroz não disfarçava. Ambas vestiam de cetim preto e fumavam cigarro. E na luz e na frescura que entrava pela janela, pareciam mais gastas, mais moles, ainda pegajosas da lentura morna dos colchões, e cheirando a bafio de alcova. (QUEIRÓS, 2006, p. 189)

Temos outra prostituta espanhola, Encarnación que tem um rápido caso amoroso com Carlos no início do romance, quando a encontra com outro homem, Carlos encontra o pretexto que queria para terminar este caso.

Durante o romance percebemos que as prostitutas espanholas possuem uma forma de serem tratadas pelos homens portugueses, sendo a base de algumas "taponas", "bengaladas", mas com muita "sutileza".

A prostituição, por vezes, acontecia no mesmo espaço social destinado às famílias naquela época. É claro que havia diferentes tipos de prostitutas e, por isso, diferentes meios em que circulavam, mas, ainda que fossem marginalizadas, havia aquelas que frequentavam os lugares de maior convívio social da época.

Ainda que compartilhassem o espaço público, a forma como Eça as descreve já deixa claro ao leitor que a mulher considerada virtuosa não se comportaria daquela maneira.

Deste trecho, podemos destacar também as marcas do inigualável estilo queirosiano, em que o próprio afirma em algumas cartas que busca pela perfeição em sua escrita, o que, certamente, explica as obras em que ele escreve diversas versões. Vemos a forma com que utiliza o ambiente, a língua portuguesa, os adjetivos que escolhe para dar ao leitor a exata sensação do que se passava naquela cena, inclusive, utilizando a sinestesia.

No século XIX, esta questão da prostituta circular pelos ambientes sociais mais comuns tornou-se problemática porque foi exatamente nessa época que as mulheres conseguiram o direito de sair do espaço privado para frequentar, também,

o espaço público, como foi dito anteriormente. Por isso, se fez necessário aumentar o controle da prostituição, criando regras para diferenciá-las das “moças direitas”.

A partir do momento que a mulher “virtuosa” deixa de estar fechada, em casa, [...] e conquista o direito de estar à janela e passear-se pela rua desencadeia-se uma caça à prostituta com o evidente objectivo de a deslocar da vida pública. Neste campo, as disposições oficiais perseguiram um duplo objetivo: isolar as prostitutas e, nesse isolamento, tolerá-las. É que para o mundo burguês as prostitutas acabavam por garantir a castidade e o bom porte das restantes. (PAIS, 1985, p.24)

A partir disso, já visualizamos o papel que, para a sociedade burguesa, a prostituta deveria exercer na época: salvaguardar a virgindade das meninas que pretendiam se casar e viver uma situação aceita pela sociedade. Vejamos o que nos apresenta a este respeito Irene Vaquinhas:

Numa sociedade que valoriza a castidade, a “mulher de porta aberta para quantos a querem” é objecto de reprovação social generalizada, ao ser incluída com o último estágio de degradação. Porém, é esta identificação com o deboche e o vício que confere à “mulher demônio”, como lhe chama Mireille Laget, uma importante função social ao formalizar o exemplo concreto de como “não deve ser uma mulher”. Funciona, nesta medida, como um contra ideal feminino, alicerçando-se em sua oposição de conceitos de honestidade sexual gradativos. (VAQUINHAS, 2011, p. 154)

O trecho supracitado foi retirado do livro *“Senhoras e mulheres” na sociedade portuguesa do século XIX*. Nele vemos Irene Vaquinhas demonstrar o papel das prostitutas no funcionamento da sociedade portuguesa, mantendo a ordem e a moral. Ela ainda vai além da manutenção da castidade e inclui em seu pensamento a diferenciação dos tipos de mulheres para que os homens não confundissem aquelas que eram “para casar” e as que somente serviam para um furtivo caso amoroso.

Maria Monforte e Maria Eduarda, obviamente, se encaixam em uma categoria diferente da relativa às espanholas supracitadas. E, ainda assim, as próprias são diferentes entre si.

Maria Monforte chega a casar-se e ter filhos. Vivia uma vida confortável, sem problemas financeiros. Se considerarmos o destino de Pedro, ao saber de sua fuga com o aristocrata italiano, podemos dizer que ela possuía um marido que a tratava bem, ao menos.

Desta forma, podemos considerar que ela escolhe seu destino ao fugir com seu amante, pois ela sabia que, ao deixar sua família, seria considerada uma mulher indigna.

Maria Monforte nunca foi, de fato, aceita pela sociedade devido à forma com que seu pai havia feito fortuna. Ao ingressar no mundo do casamento, parece ter dado o passo definitivo para o apagamento do seu passado familiar (o pai fora negociante de escravos), de certo inaceitável para a sociedade liberal.

Em todo o caso quando Lisboa descobriu aquela legenda de sangue e negros, o entusiasmo pela Monforte calhou. Que diabo! Juno tinha sangue assassino, a *beltá* de Ticiano era filha de negreiro! As senhoras, deliciando-se em vilipendiar uma mulher tão linda, tão linda e com tantas jóias, chamaram-lhe logo “a negreira”! (QUEIRÓS, 2009, p. 29)

Ela fica um tempo com Tancredo, o aristocrata italiano, mas este acaba morrendo em um duelo. A partir deste momento, ela já começa a vivenciar dificuldades e viaja para Paris e depois para Londres, em busca de outro que pudesse ajudá-la a manter-se com sua filha, Maria Eduarda.

Cabe ressaltar que o fato de as mulheres daquela época não possuírem uma profissão e serem criadas para cuidarem de suas casas, maridos e filhos fazia com que as que não se encaixavam nesta “regra” ficassem desamparadas. Daí, a alternativa que muitas encontravam era tornarem-se prostitutas, procurarem homens que as sustentassem, para não morrerem de fome e frio.

É certo que existiam aquelas que acabavam entrando para algum convento ou exerciam funções dignas para sustentarem suas necessidades básicas, como a costura, por exemplo.

Maria Monforte, então, vai, durante a sua vida, sendo sustentada por diferentes homens, que acabam bancando uma boa educação para sua filha, Maria Eduarda, que é criada em colégio de freira, em Tours, ainda que tenha presenciado os arranjos da mãe.

A mãe de Maria Eduarda possuía uma casa de jogos em Paris; então conhecia muitos homens e ela, a filha, acabava conhecendo-os e vivenciando estas experiências em sua juventude. Sendo assim, Maria Monforte acaba por adentrar o mundo da prostituição na França.

Cabe lembrar que a ideia de prostituição que temos atualmente difere muito da perspectiva do século XIX. Como já foi explicado anteriormente, existem diversos modos de se prostituir nessa sociedade e em diversas classes sociais também.

Durante sua vida, Maria Monforte teve seus luxos e necessidades básicas bancadas por diversos homens. Aparentemente, nenhuma de suas relações chegou a ser um simulacro de um casamento para que pudéssemos considerá-la uma *protegida*, como caracteriza Pais. Era algo mais próximo a *coccote*, que circulava pelos ambientes da sociedade com roupas escandalosas e jóias caras e que todos sabiam que não era uma “senhora”.

Maria Eduarda já se insere mais facilmente na categoria de *protegida*, pois durante sua vida teve algumas relações em que mesmo a sociedade a confundiu como uma senhora casada.

Porém ela já vem rodeada de certa vitimização desde o início de sua vida. Foi tirada de casa, onde poderia ter tido uma boa educação, como foi o caso de seu irmão, e ter conseguido um bom casamento. Foi levada pela mãe, que a cada hora estava em um lugar, com um homem diferente. Como já foi dito, ainda que tenha sido aceita em um colégio de freiras, a convivência com a mãe e seus vícios durante sua infância e adolescência já diziam o que seria dela no futuro. Como sabemos, a hipótese do declínio e queda no infortúnio, tão correntes na ficção do tempo, não se confirma, porque ela herda e vai viver razoavelmente bem em Paris ao final do romance.

Francisco Dantas afirma que Maria Eduarda está buscando por sua identidade, então ela encarna durante sua vida diversos tipos sociais sendo extremamente complicado inseri-la em uma só categoria permanentemente

Maria Eduarda encarna aí toda uma variedade de tipos sociais - a casada, a cortesã, a solteira, a mãe, a irmã, a "fera", a viúva - evidenciando assim que a identidade feminina não passa de uma incógnita social, de um lugar vazio povoado de convenções. (DANTAS, 1999, p. 231)

Ainda que Maria Eduarda não tenha fugido em diversos momentos de sua existência da posição de mulher “mantida” por homens, por outro lado ela também não se encaixa totalmente nem no papel da esposa nem no de cortesã. Apesar dos acontecimentos da sua vida a terem levado a precisar se colocar neste papel para sobreviver, ela tinha o sonho de casar, ter uma família e ser aceita pela sociedade, como afirma Sérgio Nazar David em seu livro *O século de Silvestre da Silva*:

Maria Eduarda não é nem uma coisa nem outra. Falta-lhe algo para ser esposa. Falta-lhe algo para ser prostituta. Ela não pode ser elevada à condição da divina Maria Eduarda – tem passado obscuro, fora amante de um brasileiro, fora também amante de Mac-Gren -, nem muito menos pode ser degradada e reduzida à figura de prostituta ou da mulher adúltera. (NAZAR, 2007, p. 109)

Carlos Reis, no livro *Introdução à leitura d'Os Maias*, expõe algumas reflexões a respeito desta caracterização de Maria Eduarda, que, ao mesmo tempo, se aproxima dos aspectos naturalistas e deles se afasta.

Protagonista d'Os *Maias*, Maria Eduarda não conhece seu passado, que sempre foi escondido pela mãe. Durante sua vida contada por Eça percebemos que ela é um personagem complexo, ao mesmo tempo ela consegue ser várias coisas e durante sua existência teve diversos nomes.

Começa por ser Mme. Castro Gomes, revela-se depois Maria Eduarda, Maria – uma deusa – aos olhos de Carlos, surge em seguida como ex-amante de Mac Gren, actual amante de Castro Gomes, será tragicamente reconhecida como Maria Eduarda Monforte ou Maria Eduarda Maia e, finalmente, tornar-se-á Mme. de Trelain. (LIMA, 1987, p.140)

Maria Eduarda, segundo Isabel Pires de Lima, é uma personagem que aparece sob a perspectiva da duplicidade e do mascaramento. Maria Eduarda conta seu passado a Carlos e em diversos momentos aparece como uma mulher doce e generosa, ainda que ocupe uma posição de desprestígio na sociedade. Mesmo os livros que lê são controversos, ela lê alta literatura e, ao mesmo tempo, lê *Explicação dos Sonhos*.

Maria Eduarda é sempre dupla, é-lhe sempre aposta uma máscara, poder-se-á mesmo falar, no seu caso em máscara dupla; nela entrevêm-se dois níveis de mascaramento: uma máscara social exigida pelo secretismo dos seus amores no presente, por detrás da qual emerge uma máscara imposta pelo destino trágico que a persegue, que faz com que ela seja julgada morta, vivendo [...] (LIMA, 1987, p. 142)

Maria Eduarda é, numa certa duplicidade que a envolve, simultaneamente o fruto de uma educação esmerada num colégio para meninas ricas e de uma formação anarquicamente recebida de uma mãe coccote e aventureira, que a conduz a um casamento desastroso e uma segunda relação sem escolha, ou quanto ela é, em certos traços do seu temperamento, herdeira quer da ferosidade romântica dos pais, quer das tendências piedosas do avô Afonso. (LIMA, 1987, p. 181)

É interessante ler estas reflexões de Isabel Pires de Lima, visto que dentro do romance *Maria Eduarda* é a personagem mais misteriosa, mesmo ocupando a posição de protagonista junto com Carlos. Sua história de vida é contraditória com uma mãe desvirtuada e, ao mesmo, tempo educada em convento; é marginalizada na sociedade, mas quer ser aceita; não pertence a nenhum lugar, sendo estrangeira em seu próprio país de origem.

Durante a sua vida, Maria Eduarda assumiu diversos nomes. Quando aparece na história atende pela alcunha de Madame Castro Gomes. Carlos e o restante da sociedade pensam que ela é casada com o brasileiro, mas ela e sua filha são apenas "mantidas" financeiramente por ele.

A respeito dessa dificuldade em incluir Maria Monforte e Maria Eduarda em uma categoria, Francisco Dantas relembra um jantar na casa dos Gouvarinhos em que durante uma conversa os homens explicitam o que se espera de uma mulher, porém, segundo ele, ambas as personagens supracitadas vão além do que é esperado e por não se encaixarem não possuem um lugar na sociedade.

[...] Por outro lado, para as representantes femininas que mais fogem à regra desse critério, não há nenhum espaço condigno no mundo. De um lado, temos as prostitutas; e, de outro, as ilustradas. E, transitando entre elas, a singularidade de uma Maria Monforte que, por fim, não se deixa ser punida; e a de Maria Eduarda, que é redimida apenas aparentemente. (DANTAS, 1999, p.252)

Ao descobrir este fato, Carlos fica com raiva e vai procurá-la. Ela, então, conta sua vida ao lado da mãe, já justificando o seu comportamento. Ela se coloca como vítima do destino, pois iria casar-se com Mac-Gren, mas ele morreu na guerra. A partir deste momento, ela narra sua vida de sofrimentos com a guerra: sua mãe chorando muito, a filha passando fome e frio e ela sem conseguir trabalhos.

A mamã fazia dó. E Rosa morria se não tivesse outro regime, bom ar, algum conforto...Conheci então Castro Gomes em casa de uma antiga amiga de mamã, que não perdera nada com a guerra, nem com os prussianos, e que me dava trabalhos de costura...E o resto sabe-lo...Nem eu me lembro...Fui levada...[...]. (QUEIRÓS, 2006, p. 419)

Com a leitura deste trecho, vemos mais uma vez que o destino age como se fosse mais que a própria vontade. Ela não sabe como as coisas aconteceram na sua vida, apenas aconteceram. É certo que Eça não coloca a culpa nas mulheres, mas,

sim, no meio que as cercam, na educação que lhes é dada, por isso Maria Eduarda, a princípio, é vítima. Isso, porém, não faz dela uma “senhora”

José Pais chama este tipo de mulher de *protegida*, uma mulher que mantinha uma relação com um homem que imitava um casamento.

Ao descobrir que Carlos era seu irmão e que vivia com ele uma relação incestuosa, Maria Eduarda pegou a parte que lhe cabia da herança e foi embora. Certamente, o suficiente para que ela e a filha levassem uma vida confortável.

Maria Eduarda foi para Paris com sua herança para se distanciar da tragédia que viveu. Casa-se com um homem um pouco mais velho e se torna Mme. de Trelain. Assim, Maria Eduarda consegue, de fato, o lugar de “senhora” na sociedade.

A tragédia da Rua das Flores é a segunda obra a ser analisada neste trabalho. Na verdade, este livro possui uma história muito semelhante a dos *Maias*, também envolvendo o tema do incesto.

Como foi anunciado no folheto intitulado *7 Novos Livros inéditos de E. Q. O Que Eles São*, há uma certa semelhança entre a *Tragédia* e *Os Maias*, mas “*A Tragédia da Rua das Flores* não é, pois, como *Os Maias*, a apreciação crítica de uma sociedade, mas, pelo contrário, o estudo psicológico de uma paixão mórbida, das suas causas remotas e das suas consequências trágicas”.

Este livro foi escrito para fazer parte da série “Cenas da Vida Real”, já citada neste trabalho, entre 1877 e 1878. Porém, o livro só veio a ser publicado em 1980, em Lisboa, quase simultaneamente por Moraes Editores e Livros do Brasil. Campos Matos comenta o longo período em que a obra ficou fora dos olhos dos leitores:

É presumível que o caráter incipiente do manuscrito, o tema relativo ao incesto entre mãe e filho, a natureza demasiado crua de certas passagens e o seu forte sensualismo erótico, levassem os herdeiros de E.Q. à desistência da publicação. (MATOS, 1988, p. 604)

Eça em muitas das suas correspondências citou esta obra como superior, chegando a dizer que era “uma verdadeira bomba literária e moral” (QUEIRÓS, 1887).

Não há como termos certeza da sequência que Eça pretendia dar ao seu projeto, na qual a *Tragédia* fazia parte, mas é interessante observar que há muitos personagens desse romance que foram utilizados em outras histórias, como Damaso e Gomes, que fazem parte também d’*Os Maias*.

Vergílio Ferreira, ao fazer uma análise da *Tragédia*, afirma:

Não seria assim um livro *a mais*, mas um degrau sólido de uma escala gradativa de escrita e em que a sequência aparente, de acordo com essa escrita e independentemente das datas, seria *Basílio, Tragédia, Capital e Maias*. (FERREIRA, p. 223-228)

É interessante observar as semelhanças entre esse romance e *Os Maias*. Mesmo os nomes dos personagens são iguais ou extremamente semelhantes.

A história inicia-se com Joaquina da Ega casando-se com Pedro da Ega, que vão para Lisboa. Então têm um filho. Dois meses depois do nascimento da criança, ela foge para a Espanha com um espanhol e acaba tornando-se *cocote*: se torna fina, elegante, aprende a cavalgar sensualmente, a tocar piano e a cantar para uma plateia repleta de aristocratas.

Joaquina é mantida financeiramente por um velho senador, que ignorava seus casos amorosos com jovens. Passa a se chamar então, Mme. Molineux. Após a morte do senador, ela retorna a Portugal com o brasileiro Gomes. Ela, então, seduz Dâmaso Mavião, um homem rico que ela começa a explorar. Porém seu interesse romântico estava em Vítor, um rapaz de 23 anos, praticante de advogado que vive com seu Tio Timóteo. Já experiente em seu passado de *cocote*, utiliza várias artimanhas para seduzi-lo.

Genoveva, primeiro nome de Mme. Molineux, ao fazer 40 anos expulsa Dâmaso com a intenção de fugir com Vitor para Paris.

Tio Timóteo, porém, resolve ir conhecer Genoveva e é neste momento que a verdade é revelada: Genoveva é mãe de Vítor. Ao ver Vítor chegando em seu apartamento, Genoveva atira-se da janela e Vítor nunca saberá da identidade verdadeira de Genoveva.

- Oh, maldita! Maldita! Bradou Timóteo. E os seus braços erguidos tinham um tremor, olhar alucinado, e com uma voz estrangulada, medonha: - Mas esse homem é Vitor da Ega! É seu filho! Eu sou Timóteo da Ega. Ela levou as mãos à cabeça, com um gesto medonho: os olhos saíram-lhe das órbitas, a boca aberta queria gritar [...]. (QUEIROZ, 1980, p. 454).

A *Tragédia da Rua das Flores* narra pois, o romance de Victor e Genoveva. Assim como n' *Os Maias*, o incesto ocorre porque eles se separam e anos depois se reencontram em situação diferente sem, obviamente, se reconhecerem ou

desconfiarem que são parentes. Neste livro, porém, eles não são irmãos e, sim, mãe e filho.

Pelas descrições feitas por Eça e, ao sabermos a verdadeira ligação entre eles, não há como não evocar o que anos depois Freud chamaria de “complexo de Édipo”:

Havia dias que vivia numa excitação permanente: a sua situação era cheia de dificuldades, de embaraços; adorava Victor: uma paixão frenética, servil, fanática, apossara-se dela. Tinha 38 anos, - e via-se amar loucamente um rapaz de 23 anos! Aquela paixão não se assemelhava a nada do que sentira: até, reconhecia-o agora, não tivera senão caprichos, toquades, manias, ilusões, desejos dos sentidos, fogachos do temperamento, e de repente, quase velha, um amor completo, irresistível, fanático, apoderava-se dela: amava-o com todos os entusiasmos da alma e todas as fibras do corpo. (QUEIRÓS, 1997, v.2, p. 1227)

Enquanto Victor estava apaixonado e esperando que ela ficasse somente com ele, Genoveva tirava todo o dinheiro que podia de Dâmaso, para que, então, pudesse ficar só com Victor. Ela não considera largar Dâmaso imediatamente para viver este “amor completo”. Primeiro, ela quer o dinheiro, apenas depois, ela quer o amor de Victor.

Quando a tragédia é revelada, ao se encontrar com o tio de Vítor, Genoveva suicida-se. Neste caso, cumpriu o destino reservado para mulheres como ela: morte trágica.

Das figuras femininas que Eça criou, não obstante inserida num romance apenas esboçado, será esta uma das mais realistas e bem desenhadas, de forte vida interior e autenticidade, aquela que mais comanda e concentra em torno de si a ação romanesca, decidindo com determinação o seu próprio destino, até ao momento em que circunstâncias excepcionais a aniquilam. (CAMPOS, 1988, p. 296)

Percebemos que Genoveva é uma mulher forte, decidida e experiente. Ambas foram tocadas pelo amor e pelo desejo sexual, buscam a felicidade com as armas de que dispõem, mas consideram também a necessidade de sobrevivência dentro das regras sociais do tempo. O acaso fez a sua parte no caso de Maria Eduarda, mas não fez tudo. A personagem d’Os Maias certamente tem uma dimensão interior e uma astúcia para enfrentar o meio adverso que Genoveva não tem. Maria Eduarda teve de abrir mão do seu amor, mas não perde a vida. Diferentemente de Genoveva.

É certo que, ao analisarmos a vida de Genoveva, nos deparamos rapidamente com a certeza de que ela possuía má reputação perante a sociedade

daquela época. Basta analisar a reação do tio de Vítor ao saber que ele pretende ficar com Genoveva. Ele vai ao encontro dela querendo evitar esta ligação amorosa, que considerava também vergonhosa.

Além disso, o fato de preferir conseguir o dinheiro de Dâmaso a ficar com Victor imediatamente já nos revela traços um pouco escusos da sua personalidade, percebemos sua falta de caráter e de consciência.

Como Maria Eduarda, Genoveva inicia a sua vida na prostituição por necessidade de sobreviver, afinal se viu sozinha em um país estranho, passando fome e enferma. O meio que encontrou para sobreviver foi valer-se da sua boa aparência.

Eça, quando põe em cena o adultério, coloca as mulheres casadas como iludidas que arriscam os seus casamentos para ir atrás de um romance que acaba durando pouco e, então, elas se veem em uma situação delicada. Já as que não podem ser “senhoras”, podem buscar um atalho que as livre da prostituição. É o que tentam, com maior ou menor sucesso, as poucas Marias Eduardas e as tantas Genovevas que aquele tempo certamente teve.

Como estas mulheres poderiam sobreviver? Na época, elas eram julgadas e condenadas sumariamente. Irene Vaquinhas comenta esta questão do concubinato:

O concubinato, “os amantes e as amásias” como pejorativamente os documentos se referem, mesmo instável e de curta duração, parece corresponder a um ideal da vida meretrícia, determinado em grande parte por razões de ordem econômica. Ter um homem “um amante” é ter alguém que pode proporcionar uma certa segurança material quiçá afectiva. É uma forma de compensar salários insuficientes tentando-se assegurar, através da concubinação, recursos suplementares que o trabalho não proporciona. (VAQUINHAS, 2001, p. 155)

O trecho transcrito acima é de suma importância para compreendermos as escolhas feitas por nossas personagens já analisadas, mas principalmente para compreender as personagens de Filho que serão analisadas a seguir, pois elas também vivem em realidades diferentes das personagens de Eça e por este motivo têm ainda menos chances de seguir o padrão da época.

Assim, compreendemos um pouco melhor não somente o universo literário de Eça de Queirós, mas conseguimos vislumbrar um pouco da sociedade portuguesa do final do século XIX.

3 A PROSTITUIÇÃO EM *A RUIVA E TRÊS CADÁVERES*, DE FIALHO DE ALMEIDA

A pouca atenção que se dá ao estudo da obra de Fialho de Almeida provavelmente se deva ao fato deste autor nunca ter escrito um romance. Há registros de romances que foram iniciados por ele, porém nunca terminados. O próprio Fialho justifica este fato afirmando que aqueles que necessitavam do dinheiro que provinha dos textos publicados para garantir seu sustento, como ele mesmo, não tinham condições de se dedicar à escritura de textos de maior extensão.

Apesar disso, aqueles que se dedicaram a estudar seus escritos, sejam colunas jornalísticas ou contos, afirmam que em nada Fialho deixa a desejar em relação aos outros grandes nomes da literatura do século XIX. É o que afirma João Décio em seu livro *Introdução ao Estudo do Conto de Fialho de Almeida*:

O conto ocupa na obra de Fialho de Almeida a parte mais importante. Nem por isso tem merecido a devida atenção por parte dos estudiosos da Literatura Portuguesa [...]. Na verdade, porém, Fialho está a merecer um estudo circunstanciado, visto ser, enquanto contista, dos melhores, senão o melhor do Realismo português. (DÉCIO, 1969, p. 7)

É certo que devemos levar em consideração o tempo que nos separa deste estudo de João Décio, porém, se mudanças ocorreram neste sentido, ainda não foram suficientes para posicionar Fialho no lugar de destaque que ele merece.

Sabendo disto, nos preocuparemos em fazer uma breve síntese de alguns aspectos importantes de sua vida pessoal e de suas principais características literárias, pois são fatores que se mostrarão essenciais para a compreensão de sua obra. Mais do que importates até, já que sua personalidade complexa e seu jeito um pouco excêntrico parecem dialogar diretamente com suas obras.

José Valentim Fialho de Almeida nasceu em 7 de maio de 1857, em Vila de Frades (Alentejo), em uma família pobre. Muitos estudiosos de Fialho de Almeida, como Jacinto do Prado Coelho, acreditam que o ambiente onde nasceu e viveu por algum tempo possui grande influência em seus contos, ambientados no campo. Prado Coelho destaca tais contos como uma parte importantíssima de sua obra, chegando a denominá-lo um dos “mestres do conto rústico em Portugal”.

Fialho estudou com seu pai, inicialmente, e, em seguida, foi estudar em um colégio em Lisboa, onde foi maltratado por professores e alunos. Há quem afirme que estas situações ocorridas em sua infância fizeram com que surgisse em Fialho uma revolta contra os mais ricos e também seu comportamento sempre contrário ao poder vigente. Fialho criticou bastante os padrões literários da época, o que fez com que alguns contemporâneos lhe dirigissem, em troca, duras críticas.

Podemos pensar que a experiência negativa no internato em que estudou possa ter pesado nas críticas que fez à educação portuguesa de então.

Após este tempo de colégio, Fialho foi trabalhar em uma farmácia em Lisboa. Durante este período começou a publicar alguns textos em jornais de província.

Por ocasião da morte de seu pai, Fialho voltou a sua terra, por um curto tempo. Em Lisboa novamente, cursou a faculdade de medicina, sem chegar a exercer posteriormente a profissão. Durante a faculdade não deixou de escrever textos que já possuíam marcas da estética realista.

Quando se formou, assumiu cargos em jornais, sempre escrevendo artigos com duras críticas à política e às estruturas sociais da época. Por conta dessas críticas acabou ganhando muitas inimizades. Também nos jornais foram publicados os seus contos, que, com o sucesso inicial, passaram a sair semanalmente e, mais tarde, foram reunidos em livros.

Fialho tinha o costume de durante o dia frequentar os cafés de Lisboa, onde ficava observando os tipos e o movimento da cidade. Durante a noite, ele andava pelas ruas, também observando todos os mistérios que a noite poderia esconder, os costumes escusos e a miséria.

Mais tarde casou-se com uma rica proprietária de terras e foi morar em Cuba. O casamento somente durou um ano, devido à morte de sua esposa. Fialho, agora herdeiro, aproveitou para viajar pelo mundo e passar grandes temporadas em Lisboa. Ele acabou morrendo em Cuba em 1911.

Mesmo neste período que passou afastado de Portugal, Fialho continuou a escrever, agora incluindo em seus textos outros ambientes que havia conhecido em suas diversas viagens pelo mundo.

Em síntese, percebemos que alguns aspectos da vida de Fialho acabam sendo incluídos em sua obra. Ora, muitos estudiosos excluem completamente este tipo de relação entre vida e obra de suas análises, porém a escrita de qualquer autor

tem sempre marcas subjetivas. Como podemos imaginar uma escrita isenta de experiências e de pontos de vista? A escrita é um processo intenso e complexo, que envolve aspectos diversos e, certamente, sofre interferências importantes da personalidade do autor, do ambiente em que se escreve e das vivências pessoais. Desta forma, é completamente plausível que a observação e o estudo da vida de Fialho, neste caso, tragam importantes pistas para uma melhor compreensão de sua obra.

Cabe ressaltar, porém, que o estudo da vida do autor não deve ser critério isolado para uma análise literária, pois isto geraria uma visão extremamente limitada de um todo que deve ser observado em diferentes perspectivas.

Visto isto, comecemos a adentrar, de fato, na obra deste grande contista. Como afirma Maria Aparecida Ribeiro, sua escrita tem influências visíveis dos ideais realistas/ naturalistas, porém, observando com mais cuidado, vemos que Fialho incluiu aspectos de muitas correntes do final do século XIX, como o Impressionismo, o Expressionismo e o Decadentismo. A autora Isabel Cristina Pinto Mateus afirma que “embora ‘rotulada’ e arquivada na prateleira do Naturalismo, a obra de Fialho continua a surpreender os leitores e a desafiar qualquer rígida vinculação periodológica, ideológica ou estética”. (MATEUS, 2008, p. 42).

Apesar de sua vinculação com o Naturalismo, é importante ressaltar que Fialho - como outros autores considerados naturalistas, o próprio Eça de Queirós, por exemplo -, passado o período de exaltação à descrição dos aspectos sociais, começaram a fazer críticas a este movimento literário e a mostrar certa insatisfação com o movimento. Essa crise que se deu por volta da década de 80, iniciou-se pela percepção da insuficiência dessa investigação social, pois os mesmos problemas denunciados no início do movimento ainda persistiam, como a educação falha e a insistência da Igreja em interferir nas decisões do Estado.

Em um artigo intitulado *O “Gênio obscuro” de Fialho de Almeida: Cem anos de presença na literatura portuguesa*, publicado em *Filho de Almeida: Cem anos depois* (que é, na verdade, um conjunto de trabalhos apresentados por estudiosos de Fialho na Universidade de Évora, em 2011, ano do centenário de sua morte), Isabel Cristina Pinto Mateus esclarece esta questão do distanciamento de Fialho do Realismo/ Naturalismo:

Importará dizer neste momento que a leitura naturalista da obra fialhiana, dominante até há bem pouco tempo, obscureceu ou ignorou a coerência de uma obra que deliberadamente se afasta dos paradigmas ideológicos e estéticos do Realismo-Naturalismo e se constrói como uma crítica corrosiva do racionalismo positivista, burguês; e, ao mesmo tempo, notar que nesta ruptura se descobre afinal a sua vocação inaugural. (MATEUS, 2011, p. 119)

Para além das estéticas absorvidas por Fialho, a sua escrita ocupa lugar de grande discussão. Muitos autores, após lerem obras de Fialho, fizeram comentários, ora elogiando, ora criticando. Isto ocorre visto que sua escrita é extremamente descritiva e detalhista. Desta forma, também devido aos temas e ambientes escolhidos pelo autor, seus contos são capazes de causar uma sensação angustiante e certo ar de desesperança.

Três livros foram publicados com o conjunto de seus contos. São eles: *Contos*, publicado em 1881; *A cidade do vício*, de 1882; *O país das Uvas*, de 1893.

Como já foi dito anteriormente, Fialho escreveu contos que traziam como ambiente o espaço rural, pelos quais, inclusive, foi elogiado e reconhecido. Porém, foi nos contos urbanos que sua linguagem e escrita tornaram-se mais intensas, já que foram nestes contos que encontramos as descrições minuciosas dos ambientes mais depressivos, como os hospitais e cemitérios, e os estilos de vida miseráveis e degradantes. Além das já reconhecidas críticas à maioria dos escritores realistas/naturalistas, Fialho criticou a burguesia corrupta, a intromissão constante da Igreja nas questões do Estado e a educação adotada em Portugal.

Fialho é capaz de descrever e captar a dor de uma forma especialmente perturbadora. Ao escolher os locais mais sombrios para ambientar suas histórias, ele consegue atingir um nível de inquietação em seu leitor que provoca um grande desconforto.

Ao iniciarmos a análise do conto *A Ruiva*, poderemos perceber como a prostituição se apresentava para as mulheres mais pobres e como Fialho se posiciona diante desta situação. Para ele, a prostituição se coloca sobretudo como consequência de uma série de fatores externos que acabam arrastando as mulheres para a marginalidade social. Sabendo disso, é necessário que observemos a vida dessas personagens para que possamos verificar que fatores são esses capazes de levar uma mulher a se prostituir.

O conto *A Ruiva* foi publicado, inicialmente, em 1878, em uma revista chamada *Museu Ilustrado*. Este é um dos contos mais expressivos de Fialho, pois nele percebemos sua linguagem feroz e a descrição precisa da realidade.

O conto começa pelo fim, se podemos assim dizer, já que o pai de Carolina encontra-se bêbado em uma taberna sendo provocado pelos outros fregueses sobre o estado de saúde de sua filha. A taberna é um lugar muito comum nas obras de Fialho, já que lá podemos encontrar os tipos mais populares da sociedade.

A Ruiva tem como personagem principal Carolina. Criada pelo pai, coveiro, a sua educação é bastante falha. O pai não dá atenção a sua filha e a deixa solta pelo cemitério. Carolina cresce em um ambiente lúgubre e sem cuidados: “Não se sabe como a pequena se criara, mas aos doze anos era bonita, franzininha, o nariz arrebitado, descalça e cheia de remendos.” (ALMEIDA, [19--], p.13).

Sua mãe, a verdureira Marta, morreu por ocasião de seu nascimento e, por isso, nunca teve em sua vida um exemplo feminino em que pudesse se espelhar.

Está claro que as condições econômicas a que Carolina estava submetida beiravam a miséria. Antes de seu nascimento com as verduras, plantadas no próprio cemitério por sua mãe, e que eram vendidas a um preço mais alto, justificado pelo transporte difícil, a situação não era tão difícil. Após a morte de sua mãe, os clientes descobriram a verdadeira origem das verduras e deixaram de comprá-las.

Sem os cuidados da mãe e com a ausência do pai, Carolina vai observando o que ocorre ao seu redor. Se no início ela não compreendia muito bem o que ocorria dentro de um cemitério, conforme foi crescendo começou a se interessar e passou a preferir os enterros de gente rica, observou os cadáveres que estavam sendo velados e até se interessou em aprender a ler para saber o nome de quem estava sendo enterrado.

Pode dizer-se que aprendeu a ler no cemitério, quando curiosa na sua pobreza esfrangalhada queria saber os nomes e posições ocupadas no mundo pelos que habitavam aquela branca cidade de mármore, de que se julgava rainha. (ALMEIDA, [19--], p.14)

O desejo sexual de Carolina é, então, despertado de uma maneira muito peculiar. Uma estátua que existia no cemitério, do Conde das Antas, desperta sua admiração e a partir daí começa a desejar militares.

[...] E falava ' ainda, nos seus últimos dias, daquela enérgica figura de soldado, grande barba sobre o peito e cabeça de um vigor leonino, a mão apertando o punho da espada... e, desde então, a sua ânsia pedia-lhe militares, que arrastam nas ruas os sabres prateados e destacam, na agitação dos enterros, dentre os graves toilettes negros com a alegria embriagadora dos seus vivos rutilantes e das suas divisas sanguíneas, cor dos desejos insaciáveis. (ALMEIDA, [19--], p.14)

Este é um ponto interessante a ser analisado, visto que é a partir do despertar de seus impulsos sexuais que o destino de Carolina começará a ser traçado. É portanto na convivência constante com apenas estátuas e cadáveres que os seus desejos sexuais são acordados. Mesmo em um ambiente em que, normalmente, só se encontram a tristeza e o desespero, Carolina encara tudo com certa naturalidade. Aquela era a sua realidade e desconhecia outro tipo de vida. Ela “olhava já sem terror os cadáveres, como se fossem pessoas adormecidas no mesmo quarto, cada qual na sua maca de estalagem” (ALMEIDA, [19--], p.17)

Começamos a ver se desenhar, nesta obra, a questão da influência do ambiente na personalidade dos personagens, fator muito presente nas obras de Fialho. Viver em ambientes miseráveis, insalubres e, de maneira geral, degradantes influencia, diretamente, nas ações que estes indivíduos praticarão.

João Décio, ao fazer uma análise deste conto, afirma que “o sensualismo da mulher, demasiadamente exaltado, por vezes, chega ao limite do patológico.” (1969, p. 46). Esta patologia a que ele se remete diz respeito ao fato de Carolina ter despertado seus desejos e satisfeito suas curiosidades através dos corpos do cemitério. Fialho descreve uma situação inconcebível, para nossa realidade, e transforma este desejo de acariciar e tocar nos cadáveres em algo que, para Carolina, não só é possível como lhe causa excitação.

Nas horas de calor, de Verão, quando sob os ciprestes os empregados do cemitério dormiam, ia devagarinho, sem ser pressentida, à casa dos depósitos, escolhia os cadáveres dos moços, dos belos, se os havia, e como um pequeno vampiro sequioso entreabria as mortalhas, despregando com uma navalhinha as camisas; metia a mão devagarinho pelo peito, metia, escorregando-a ao longo das carnes, beliscando-as levemente, com prazer; o olhar dilatava-se-lhe, havia na sua face uma mancha de excitação, mordida os lábios, exaltada; e, palpando, estudando, compreendendo e adivinhando, ficava absorta, um pouco curvada sobre os corpos, o hálito ardente, uma palpitação larga e cheia de ímpeto. (ALMEIDA, [19--], p. 17)

Os Realistas/Naturalistas acreditavam que uma educação falha dada aos indivíduos era a principal responsável pela decadência da sociedade. Fialho não

pensava diferente e neste ponto do livro podemos observar esta questão. Por ter sido criada solta pelo cemitério, sem os cuidados de uma mãe que lhe ensinasse a se portar e a preparasse para ser uma boa esposa, e sem o pulso firme do pai, que não vigiava a filha nem a orientava, Carolina se deixava levar por impulsos que não pode refrear.

Duma vez tinha beijado sôfrega uma cara, com balbuciações aflitas, ardendo em pecado, como uma alma de réprobo. Não conhecera mãe, nunca uma boa mulher a beijara e o coveiro não reprimia diante da filha as suas expansões brutais. Entregue a si própria, chamuscada por carícias pérfidas de homens entregues à rota corrente da sua bestialidade, fizera-se nisto. Havia no entanto dentro dela, ainda, uma coisa ideal e inexplicável, certa virgindade infantil: de noite rezava! (ALMEIDA, [19--], p.18)

Fialho também atribuía às personagens femininas a culpa. Carolina, tocada pela força da sexualidade, se afunda em culpa e vai tentar buscar sua remissão através da oração. Ela deseja ser outra pessoa e sofre de alucinações sombrias dos homens a quem havia tocado. A religião, segundo a visão do próprio autor, deveria servir como um inibidor ou controlador do desejo.

Mas, de súbito, alguma coisa a arremessava à lembrança condenada dos homens adormecidos na casa das observações, e via-os surgir das suas mortalhas alinhavadas, sorrindo, com vida; estendiam os braços a procurá-la; roídos de vermes, muitos vinham, como na dança do Roberto, roçar-lhe pelos quadris os membros esqueléticos e podres. (ALMEIDA, [19--], p.18)

O fato de a personagem não conseguir controlar estes impulsos, se Fialho o atribui à péssima educação a que Carolina foi submetida nos ambientes em que viveu, então temos aqui um alibi que a eximiria da culpa. Se sente culpa, no entanto, é porque de algum modo está implicado o seu desejo naquilo que faz. Um desejo que lhe causa repulsa. Renata Rodrigues Lopes, em sua dissertação de mestrado, afirma que:

(...) Fialho (...) mostra o desejo como uma bestialidade, que, não controlada, levará à culpa. As cenas descritas pelo autor tornam-se mais chocantes por se ambientarem em lugares sombrios e mundanos. Diferente de Luísa que fora educada lendo os romances românticos, a jovem ruiva nunca teve a educação de uma moça. Crescera perambulando pelo cemitério, à mercê de todo tipo de vício. (2009, p. 87-88)

Carolina vivia sem a interferência do pai em suas atitudes, convivia em meio a cadáveres e, em sua casa, localizada em um bairro miserável, ouvia conversas, certamente, inapropriadas a uma menina de quinze anos. Todos estes fatores foram responsáveis por influenciar negativamente a formação moral da jovem.

Este trecho do conto nos apresenta as partes escondidas da cidade, os locais que não eram citados. Ao utilizar estes espaços Fialho não quer nada além do que mostrar a realidade de uma grande parcela da sociedade àqueles mais abastados, que desconheciam completamente esta parte da população.

Muitas vezes, ela ficava em casa sozinha, já que seu pai vivia bêbado e nem se lembrava de ir para casa, localizada em frente a um prostíbulo.

Carolina ficava espiando o movimento e ouvindo os gemidos dos casais.

Da janela da sua mansarda, empinada sobre um banco de pinho, podia ver o que se passava na alcova de um pobre bordel carairo. Apagava a luz para não ser vista, subia ao banco, encostada à janela; e ali, durante horas, passava a espreitar o que fazia a vizinhança. Cenas equívocas desenrolavam-se por lá. Era tão curioso! A nudez impura dos contactos fazia-lhe regurgitar de dentro uma seiva cuja plenitude a estonteava. (ALMEIDA, [19--], p.20)

A partir deste trecho vemos que a prostituição já se fazia presente na vida de Carolina desde muito cedo. Sua atitude de olhar escondida, seu (pouco) pudor ao ver certas cenas, nos deixam entrever que ela tinha consciência que estas atitudes não eram aceitas pela sociedade e pela moral, porém, ainda assim, seus devaneios sempre giravam em torno de fugas noturnas e secretas. O ponto de vista do narrador parece empurrar o leitor para a ideia de que Carolina nunca pensava em se tornar uma esposa.

De acordo com as ideias naturalistas/realistas, nem poderíamos vê-la desta forma, já que a educação que lhe foi dada não a preparou para a vida de esposa, apenas a expôs a ambientes em que o vício e a miséria são a única alternativa. Mesmo quando sonha com João, o aprendiz de marceneiro, e se aproxima um pouco mais daquilo que seria um casamento, ela, na verdade, está pensando apenas em seus lucros com este arranjo: vestidos caros e bonitos, um broche de ouro. E, é claro, em satisfazer seus desejos sexuais. Mais adiante, veremos que, de fato, Carolina não tinha as qualidades necessárias – sob o prisma do narrador – para ser uma boa esposa.

A própria personagem tinha a consciência de seu destino, uma vez que, ao se deparar com o aprendiz de marceneiro e ouvir suas piadas, voltava para casa, envergonhada e “atirando-se para cima do leito desatava a soluçar sem remédio a desconsolação daquela vida, que flutuava sem linha de conduta.” (ALMEIDA, [19--], p.22).

Apesar deste conflito interior que a atormentava, Carolina tinha suas atitudes de algum modo ainda controladas. Seu modo de sair à rua, com roupas de cores vibrantes, sua preferência por homens loiros e suas divagações sobre o que poderia acontecer até suas fugas na calada da noite, transmitem ao leitor que, por mais que ela sonhe com uma vida de esposa, a força da sexualidade sempre a arrastaria. Fialho, inclusive, chega a comparar a mulher, que não é capaz de controlar estes desejos, com os animais. No conto, ao abordar tais impulsos de Carolina, o narrador registra: “Era a febre do sangue inficionado pelos microzimas do vício e o desejo de cadela nubente que uma força espicaça de irritantes curiosidades e terrores deliciosos.” (ALMEIDA, [19--], p.20-21)

Chega, então, a festa de Nossa Senhora dos Prazeres. Uma procissão saída da Igreja em direção ao cemitério leva muitas pessoas para visitarem os túmulos, de famosos ou de parentes. Carolina se arruma com muito cuidado e vai também à festa encontrar-se com Marcelina, sua vizinha. Esta vizinha fora ama na casa do padre Anselmo até a sua morte. Em suas conversas com Carolina ela deixa subentendido que sua relação com o padre ia muito além de suas funções como ama.

Boa pessoa, o padre Anselmo, amigo do seu amigo, boas manhãs na cama, de Inverno, bebericava-lhe um quase-nada, ratão, pregando belas peças; manhã cedo, ela ainda na cama, e vinha ele da missa, descobria-a zás, uma palmada. E morrera. Tudo quanto é bom acaba. (ALMEIDA, [19--], p.25-26)

Neste ponto, encontra-se uma crítica de Fialho, e de outros autores realistas/naturalistas como o próprio Eça de Queirós, à corrupção do clero. Para eles, a decadência que a sociedade portuguesa enfrentava se refletia nas atitudes dos membros da Igreja. Eles, que deveriam ser um exemplo de vida pautada nas leis de Deus e na moral, eram corruptos e se entregavam aos prazeres do corpo, aos vícios da bebida e baseavam as suas atitudes na busca de riquezas.

De fato, Marcelina nunca fora próxima de Carolina, apesar de ter cuidado da menina, levando-lhes caldos, quando esta ficara muito doente. E, mesmo assim, não inicia esta relação mais íntima com a menina de forma inocente ou por amizade, simplesmente. Na verdade, João lhe estava pagando para que ela arrumasse um encontro entre ele e Carolina: “O João dava-lhe quatro pintos de comissão; era para comprar aviamentos para um vestido de fazenda, azuloio, que tinha ganho quando fôra do alferes Sarmiento [...]” (ALMEIDA, [19--], p.45)

Devido às conversas entre ela e Carolina, já tínhamos pistas suficientes para perceber que Marcelina ganhava o seu sustento, entre outras formas, através da prostituição. Observamos isto quando o narrador afirma que: “Enfim, falavam-se coisas, ela sabia de facadas, e Carolina ouvia dizer isto — arranja pequenas a velhos.” (ALMEIDA, [19--], p. 26)

Marcelina, então, entra neste universo da prostituição de diferentes formas. Mais explicitamente, de acordo com as informações já dadas neste trabalho sobre a prostituição nesta época, percebemos que ela atua como uma proxeneta, isto é, uma mediadora nas negociações com fins sexuais, figura bastante comum em Lisboa do século XIX.

Além disso, a própria poderia ser considerada uma prostituta, devido a sua relação com o padre Anselmo. No livro de José Machado Pais, já abordado anteriormente, ele afirma que, durante o século XIX, as criadas, amas e costureiras, especialmente, também exerciam as funções da prostituta, algumas, inclusive, tornado-se, de fato, prostitutas. E como Marcelina, além de exercer suas obrigações como ama, também prestava favores sexuais ao padre, ela se encaixa nesta situação perfeitamente, lembrando, inclusive, dos presentes e do dinheiro que ganhava do padre.

Fialho coloca o tema da prostituição muito presente neste conto, especialmente, próximo a Carolina, já como uma forma de ir traçando o destino desta personagem.

Marcelina, depois de convidar Carolina a sua casa e conversar sobre diversos assuntos, inicia, de forma despreocupada, o tema do interesse do rapaz na menina. Ela enaltece João descrevendo todas as suas qualidades: jovem, loiro e trabalhador. Dizia que ele ganhava seis tostões e que apenas não falava diretamente com

Carolina porque tinha vergonha, mas já sabemos que ele, na verdade, estava pagando a ela para realizar este arranjo.

Marcelina tanto falou a respeito de João que despertou a curiosidade de Carolina, além de ter lhe dado conselhos sobre como agir com o rapaz. E ficou combinado que, no dia seguinte, na festa de Nossa Senhora dos Prazeres, eles se encontrariam.

--- Um rapaz com umas casas, forte, loiraço e bom trabalhador. Hem? Sua sonsinha... Hem?
 E, insinuando-se, velha toupeira:
 — Tendo juízo, minha riquinha, é uma mina. Nada de cair antes de tempo, percebes?
 Carolina estava rubra, com palpitações doidas.
 — E quem é? Como se chama?
 — Isso queria você saber, isso queria você saber!
 — Não, sério, diga. — E, mais resoluta: — Há de dizer!
 — Aqui, em frente do beco, há uma loja de marceneiro. Sabe. A do Ferreira, um de óculos.
 — Ah! — fez Carolina. — Já sei.
 — Há um oficial, o João, bonitote, muito claro. É esse.
 — É esse então? Pois senhores...
 — Um belo moço! É vê-lo além na loja, a camisa arregaçada; que braços, hem!
 Carolina adivinhava-o, sentindo-o na sua imaginação com um vigor de pintura. (ALMEIDA, [19--], p. 29-30)

Por esta última frase, transcrita no trecho acima, já percebemos que Carolina fica excitada só de saber que existe um homem interessado por ela. Isto prossegue na descrição seguinte do narrador, que afirma que a menina não conseguiu dormir durante toda a noite, fantasiando sobre como seria este encontro amoroso com João.

Neste ponto, podemos afirmar que Fialho utiliza o sonho, a princípio, como um traço que seria romântico. Porém, ao observarmos o conteúdo, percebemos, na realidade, estes sonhos têm conteúdo claramente sexual.

Esta questão do desejo incontrolável surge, mais uma vez, para que Fialho traga, novamente, a culpa que ela sentia. Aliás, não era somente a culpa de ter desejado os cadáveres do cemitério e os tocado, mas também a culpa de largar seu pai: “[...] E ela, sua filha, pensava em abandoná-lo, em fazer-se servir como uma isca de fígado aos cocheiros e aos trabalhadores, com redução de preços! Roçava então pela miséria do coveiro a sua piedade como uma asa de gaivota, e pensava: — Pobre velho!” (ALMEIDA, [19--], p. 37)

Por mais que Carolina tentasse se redimir destes erros do passado, seu desejo sexual sempre a arrasta para o lado oposto. Já percebemos que em vários momentos do conto, Fialho retoma as mesmas questões que justificam a personalidade de Carolina: o ambiente em que foi criada, a educação ruim que recebeu e a falta de uma presença feminina que lhe orientasse o comportamento.

Carolina segue com os seus devaneios sobre as infinitas noites de prazer com João, mas, em seguida, já começa a imaginar tudo aquilo que mudaria em sua vida. Ela estava cansada da pobreza e imaginava que com João sua vida melhoraria.

Como já foi citado anteriormente, ainda que, neste momento do conto, Carolina também sonhasse com o “seu João” e com alguns costumes próprios de uma boa esposa, como preparar seu jantar, seus pensamentos sempre se desviavam para o campo do desejo. Além disso, ela queria a vida das vizinhas, como se fosse impossível controlar estes impulsos que habitavam em seu interior.

Queria a vida das vizinhas, agitações constantes da negociação dos corpos, que transformam a vida em sonho ou quimera. Via saias de goma arrastando, botinas vermelhas de roseta e tacão alto, os altos penteados característicos. [...]” (ALMEIDA, [19--], p. 33)

Carolina assume a possibilidade de não estar sempre com João. Segundo ela, os gostos mudam de sete em sete anos. Este fato nos mostra a intenção de Carolina em variar seus amantes. Ela chega mesmo a lembrar de Marcelina lhe falando que os padres eram bons patrões. Neste ponto, ela chega a pensar na prostituição como uma possível solução pra sua vida: “[...] A prostituição desenhava-se-lhe como a solução natural no problema da vida de uma rapariga pobre, que todas amam, umas mais, outras menos. E a sua ardência aligeirava-lhe as dificuldades [...]” (ALMEIDA, [19--], p.36).

O fato de Carolina conjecturar a possibilidade de se prostituir nos mostra que, para ela, isto era extremamente natural, um comportamento aceitável para uma moça que levava uma vida como ela. Durante todo o conto Fialho descreve as mazelas desta sociedade que excluía os mais pobres.

No dia seguinte, após a procissão, aparece Marcelina dizendo a Carolina que João apareceria apenas à noite, pois teve que trabalhar. Além disso, dá alguns

conselhos à menina dizendo que João ainda fará 18 anos e que ele apenas quer cuidados, pois ambos ainda não sabem nada da vida.

Quando o rapaz chegou, Marcelina o elogiou muito para Carolina e fez as recomendações de que João cuidasse muito bem de Carolina. E, enquanto isto, ambos estavam ainda um pouco envergonhados, porém não conseguiam desviar os olhos um do outro.

[...] Viu-o preguiçosamente estendido na pedra branca de um túmulo. Era numa das ruas afastadas. Naquela posição de madraço, a vigorosa expansão do seu corpo ressaltava em linhas magníficas, de animal contente e são, que descansa. [...] Carolina devorava-o: era assim que ela sonhara o outro, nos seus delírios histéricos de virgem reclamando direitos de mulher fecunda em noites de entrecortada alucinação. E via-o deslocar-se aos círculos por diante dos olhos, sentindo um tremor de mãos e frialdade mortal nas pontas dos dedos. pelo seu lado, o João fitava-a com fúrias de novilho que desperta. (ALMEIDA, [19--], p.42)

Vemos, mais uma vez, surgir o desejo, desta vez, vindo de ambos. Fialho aproveita para tratar o desejo como algo próprio dos animais, comparando João inclusive a um animal, primeiramente, comparando as linhas do seu corpo às de um “animal contente e são”. Em seguida, compara o modo de João olhar a um “novilho que desperta”.

Quando já estava anoitecendo, Marcelina se retirou e João aproveitou para tentar agarrar Carolina que resistiu um pouco, apesar de sentir o desejo crescendo:

Tinha-a agarrado pelas costas, metendo-lhe as mãos por debaixo dos braços, e com uma força cruel conservava-a apertada sobre o peito, enquanto lhe premia os seios crespos e redondos, de mulher inviolada. Carolina tentava em balde arrancar-se ao amplexo. Conservava os olhos cerrados, um bater de narinas, a boca escarlate como a ferida de um fruto tórrido, palpitações. E dizia:
— Mau! Olhe que eu chamo, olhe que eu grito!
E, num tom choroso:
— Ora isto, ora isto! (ALMEIDA, [19--], p. 44-45)

Já na rua encontraram Marcelina e João sugeriu que fossem comer algo. Marcelina sugeriu a Taberna do Manuel Altino, que, segundo ela, era um ambiente bem frequentado e tinha quartos particulares. O jantar transcorreu em meio a olhares e flertes, porém no caminho de casa João deu a entender que desejava ir de madrugada à casa de Carolina, que, apesar de francamente tentar resistir, acaba cedendo, ainda que temerosa dos comentários dos vizinhos.

Carolina deixava-se penetrar daquela imploração toda incendiada de amor desonesto. E sem resolução:

— Pois sim, pois sim — disse ela —, mas às duas horas, ouça bem, às duas

horas, quando não houver luz nas janelas, das tais. (ALMEIDA, [19--], p. 52)

Há, então, um corte na história para o dia seguinte, em que João chega atrasado para o trabalho, dando a entender que ele e Carolina haviam, de fato, passado a noite juntos. A partir deste momento, o narrador descreverá a vida de João desde a infância. Fialho aproveitará para incluir novos ambientes de miséria, abandono e as mazelas da sociedade.

Na maioria dos contos de Fialho, o casamento não aparece como uma forma de se encontrar a felicidade. Veja-se a este respeito que Fialho coloca a mãe de João casada com um bêbado violento, sofrendo agressões constantes e morrendo em decorrência disto. A narrativa sobre a vida de João termina com seu pai preso e ele mesmo sozinho e largado à própria sorte.

Para Fialho, mulheres submetidas a certos tipos de ambiente só possuíam, geralmente, dois destinos: a prostituição como forma de sobrevivência; ou o casamento, que, normalmente, era causador de uma vida de sofrimentos e privações. Fialho tinha uma visão crua daquela sociedade, que não dava oportunidades de ascensão social àqueles que nasceram excluídos.

Na descrição da vida de João ainda entra um outro fator relevante: o ambiente em que ele vivia. Uma casa muito pobre, degradada, sem janelas e habitada por ratos e insetos.

— Vocês não têm um quarto com janela? Mudava-se para lá a cama, sempre há mais ar.

— Há, ao pé da cozinha. É o meu.

Foram ambos ver. Era um casinholo arruído. Quase no teto, uma fresta piramidal e profunda, sem vidros, dava uma claridade amarela: ouviam-se ratazanas roer o forro, familiarmente. (ALMEIDA, [19--], p. 68)

Logo em seguida a este diálogo mais um ambiente degradante se fará presente neste conto: o hospital. Fialho de Almeida utiliza o hospital muitas vezes em diversos contos, porém, em “A Ruiva”, ele descreve este espaço através dos olhos de uma criança, João, que acha o ambiente estranho e acaba encontrando sua mãe já morta. É impressionante como Fialho usa tanto os personagens como os

ambientes que descreve de forma a deixar o leitor incomodado com a indiferença pelo sofrimento de uma criança e talvez também com a naturalidade com que insere a morte nos seus contos.

Com a morte da mãe, João passa a viver nas ruas e a conhecer todo o tipo de gente, indo parar em uma casa de correção. Lá, apesar do ambiente em que está, não se deixa corromper e acaba aprendendo o seu ofício.

Com isso, percebemos que ambos, João e Carolina sofrem influências do meio em que estão inseridos, ainda que João não tenha se corrompido na casa de correção, para chegar a este lugar, ele já havia se deixado contaminar pelas malícias da rua e das pessoas com quem conviveu.

Voltemos então, aos encontros entre João e Carolina, que passaram a ser diários, logo que ele saía da oficina. João tentava convencê-la a morarem juntos, porém Carolina negava por medo da reação do pai, caso ele chegasse em casa e os encontrasse juntos. Para poderem se encontrar eles andavam pelas ruas mais escuras e desertas e só iam para a casa de Carolina já de madrugada.

Eles iam seguindo vagarosamente. Fechavam as lojas. Chegavam de ordinário a casa muito tarde. A vizinhança dormia. No relógio da Estrela badalavam quartos, som lúgubre. Passavam a noite amando-se, jurando a si mesmos fidelidades eternas e amores fenomenais [...]. (ALMEIDA, [19--], p. 83)

João Décio, em seu livro *Introdução ao Estudo de Fialho de Almeida* (1969), analisa algumas partes de diferentes contos de Fialho alegando a presença de características românticas em sua obra, porém há uma grande distanciação dos ideais românticos na escrita de Fialho. Estes passeios ao ar livre, ou devaneios de amor eterno, nunca estão desacompanhados do desejo sexual.

João e Carolina passam a morar juntos. A vizinhança fica estarecida, apenas Marcelina defende o amor do casal. No início deste relacionamento tudo era ótimo, João se sentia feliz quando chegava em casa e os dois se reencontravam, quase nem saíam de casa. Porém, o *narrador* faz questão de mostrar que a felicidade de João era tão grande que ele nem reparava no estado deplorável da casa em que estava vivendo, junto com a falta de cuidado de Carolina como dona de casa.

Diante de uma mulher, o João experimentava um aconchego tépido, delicioso: com ela, a sua força, a sua forma vigorosa e superior, acobardava-se, quebrantava-se, caía: era então dos sentidos. Não se

lembrava de olhar em torno de si, no desleixo da casa, nua, repartida em compartimento baixos e retangulares, sem luz e esfolados nas ombreiras, com laivos de oca barbarescos no rodapé. Pelas paredes encostavam-se móveis antigos e coxos; leitos de ferro, de varais tortos, tinham colchões estripados e cobertores de uma farrapice sórdida; em volta nem um objeto limpo e cuidado, nem uma cor alegre e rutilante, em que a vista parecesse uma satisfação honesta; [...] (ALMEIDA, [19--], p.84)

O narrador vai colocar a culpa deste desleixo no fato de Carolina não ter tido a mãe para lhe ensinar como se portar como esposa e dona de casa. Mais uma vez o ponto de vista do narrador parece querer empurrar o leitor para a tese de que Carolina não tinha o necessário para assumir este papel.

Com o passar do tempo, João começou a reparar, então, a situação da casa e isto começou a incomodá-lo. Carolina, tentando agradar, começa a tentar arrumar a casa e engomar as camisas de João com a ajuda de Marcelina, mas apenas consegue queimá-las. E também Carolina começa a perceber a diferença entre o sonho e a realidade. “E Carolina, refletindo, comparava os dias à medida que eles se distanciavam do primeiro: as coisas não são algumas vezes o que parecem; nem tudo o que luz é ouro — lá diz o rifão. Era verdade! E entristecia-se.” (ALMEIDA, [19--], p. 86)

Tudo foi piorando, pois ambos agora desejavam intimamente uma vida melhor. João queria jantares diferentes e Carolina se sentia incapaz de cuidar da casa. João passou a reparar em tudo. Ele mesmo comprou uma cômoda nova e consertou tudo aquilo que havia estragado com o tempo. Alguns dias depois já encontrou móveis e objetos empoeirados e quis saber de Carolina o que ela fazia durante o dia. Ela lhe respondeu que costurava e dormia. João deu-lhe vestidos novos que também ficavam largados pela casa sem serem lavados e cuidados.

Com tudo isto, o narrador direciona já a culpa pelo fim deste relacionamento para Carolina, inclusive chegando a afirmar que ela somente tem serventia para o “pecado mortal”, isto é, para as relações sexuais.

[...] não lhe passava pela cabeça que cativaria o seu homem tornando-lhe o lar alegre, limpo, fresco, fazendo luzir a boa ordem, a boa administração e o decoro nos mais simples pormenores da residência. Fora do pecado mortal, não tinha préstimo, nem imaginação, nem propósito. (ALMEIDA, [19--], p. 91)

João cismou um dia que ela tinha cheiro de saias velhas e a partir daí sua falta de interesse ficou evidente para com Carolina, que se tornou ciumenta e

desconfiada. Chegava ao cúmulo de passar o dia inteiro pensando em vinganças, imaginava significados diferentes a tudo que João lhe dizia, reclamava das saídas de João, queria sempre mais roupas e enfeites. Havia dias em que não conseguia preparar o jantar por conta destes pensamentos. João tentava dar conta das necessidades de Carolina, porém, na verdade, ele já não se importava como no início.

João olhava para as mulheres que passavam na rua e desejava aquelas mais roliças. Com isto, João passa de um menino, ainda com suas infantilidades, para um homem, com barba, desejos e mudanças de caráter.

Já Carolina recebe a visita de Marcelina, que, ao ver os móveis novos, afirma que Carolina teve sorte em arrumar João. A menina conta todas as suas desconfianças à vizinha, que promete investigar, mas já a avisa o que acontecerá, caso o relacionamento termine, visto que naquela sociedade a mulher era esposa ou prostituta: “Se ele te não quiser, filha, não morrerás de fome por isso. Graças a Deus, enquanto houver homens, qualquer mulher se governa[...]” (ALMEIDA, [19--], p.97)

Quando, no dia seguinte, Marcelina volta dizendo que todos os dias João conversava com uma moça em uma taberna e que ele também era amigo de seu irmão, Carolina fica preocupada imaginando o que seria dela caso ele a abandonasse. Ela se culpa por ter se entregado a ele precipitadamente e apenas consegue pensar com tristeza em sua infância e em todo amor que nunca teve. Marcelina dava-lhe conselhos sempre se referindo à prostituição como o seu único caminho. Carolina considerava a morte melhor destino.

Marcelina aconselhava que ela fosse trabalhar na fábrica, que era um bom lugar para se fazer arranjos de casais. Afirmava que muitas se vestiam bem e jantavam carne todos os dias. Carolina desprezava estas ideias, chegando a achar que havia cometido o erro de se relacionar com João porque fora influenciada pela vizinha. “Tinha-se dado ao primeiro que chegara, e sem receios de pudor. Fora a Marcelina a causa de tudo. Para que lhe viera contar de padres babosos e varinas amancebadas?” (ALMEIDA, [19--], p.102).

Ao ver João chegar bêbado em casa, Carolina aceita trabalhar na fábrica e fazer seus arranjos. As coisas só foram piorando com João chegando cada vez mais

tarde e bêbado em casa. Ela, por sua vez, mais insensível, por ter sido trocada por outra, conversa com Marcelina sobre o seu futuro.

Começou a trabalhar na fábrica, com o consentimento de João, que, na verdade, aceitou para se ver livre dela e poder se encontrar com outras mulheres tranquilamente.

Já na descrição do caminho para a fábrica percebemos o tipo de trabalho e em que situação em que condições aquelas mulheres trabalhavam. Iam ouvindo piadas maliciosas ou eram apalçadas por trabalhadores. Chegando lá trocavam beijos, mas os arranjos ocorriam na hora da saída.

É a partir deste momento que o destino de Carolina se encaminha para a prostituição e de uma forma muito natural.

[...] na escuridão do corredor estalavam beijos, pares canalhas escorregavam nas escadas, havia gritos e a chusma em tumulto, numa desordem vadia, atulhava rapidamente o pátio, combinando ceias, encontros, relações impuras. Foi a vida melhor que Carolina viveu. Aquela grande liberdade infiltrara-lhe uma alegria espontânea, uma grande destreza, um vigor manifesto[...] (ALMEIDA, [19--], p.106)

Sabemos que Carolina, durante toda a sua vida, não conseguiu controlar seus impulsos, então não é estranho ao leitor que ela se adapte a esta rotina tão rapidamente e que, até mesmo, se sinta bem praticando estas atividades. Maria Saraiva de Jesus afirma, comparando Carolina a João, que:

Carolina, ao invés [de João], rende-se à sua natureza lasciva e ociosa. Todos os exemplos a desviam de um ideal de vida “honesto”, baseado no trabalho e no casamento. A própria fábrica lhe aparece como espaço de encontros venais, encaminhando-a para a prostituição. (1987, p. 164)

Carolina inicia desta forma sua vida como prostituta. Além de seu salário, ela tinha diversos amantes para satisfazer seus luxos. Quando passa a morar sozinha, inicia uma vida noturna muito mais intensa.

Desde esse dia, as aventuras vieram-lhe por centenas. Conheceu todas as espécies de homens a quem se impingia às horas, por baixo preço. As gengivas tinham-se-lhe descarnado, pintava os beijos com carmim e para o giro da noite cobria-se toda de pó-de-arroz. Forçava-a a profissão a pequenos sacrifícios, no intento de agradar aos que a buscavam. (ALMEIDA, [19--], p. 107)

Quando saía à noite para procurar clientes junto com sua companheira de trabalho na fábrica, Jerónima, o único medo que tinha era a polícia e, por isso, tinha o cuidado de passar longe dos soldados. Se fossem pegas pela polícia, seriam fichadas e presas. Era o costume em meados do século XIX. Segundo Pais (1985), no final deste século ocorriam protestos contra a repressão policial sobre as prostitutas.

Toda esta vida de dificuldades levou-a a outros vícios: fumo e bebida. Deixa de trabalhar na fábrica e submete-se a todo e qualquer tipo que lhe aparece. Logo está doente e cansada, sendo tratada à rua como escória.

E de uma vez teve fome, sábado por sinal. Contraíra já os últimos vícios suplementares da devassidão, fumava, bebia, e nas tavernas, em estando bêbeda, punha-se a dizer com voz rouca fados ignóbeis, no meio dos cocheiros excitados e ao som dorido da guitarra. (ALMEIDA, [19--], p. 109)

Quando se lembrou de voltar à fábrica já não tinha mais sua vaga e percebeu o olhar penalizado do fiscal sobre ela. Olhando-se no espelho percebeu o estado em que se encontrava e chorou. Dias depois a polícia conseguiu prendê-la em flagrante. E o conto se encerra, com sua morte e seu enterro narrado já no passado:

Datam daqui todos os episódios da existência que teve o seu epílogo há três dias, numa das camas da enfermeira de Santa Ana, no Desterro. Foi o tio Farrusco quem cobriu de terra, sem comoção nem saudade, o corpo, espedaçado pelo seu escalpelo, da rapariga corroída de podridões sinistras, abandonada do berço ao túmulo, e pasto unicamente de desejos infames e de desvairamentos vis. (ALMEIDA, [19--], p. 110)

Neste conto, observamos que Fialho, de acordo com os ideais realista-naturalistas, nos coloca duas únicas opções de destino para aqueles que nascem e vivem em ambientes miseráveis e degradantes, especialmente as mulheres, que só têm duas escolhas: casarem-se, na maioria das vezes, com um marido violento e sem amor; ou a prostituição, que não levará a outro fim senão a morte. Esta talvez seja a chave de sua crítica à sociedade e à literatura de seu tempo: mostrar, diferentemente de seus contemporâneos, uma situação fatal e inescapável para as classes desfavorecidas.

A literatura do século XIX tem a morte como castigo para aquelas mulheres que não conseguiam controlar seus desejos sexuais. Este castigo era aplicado em qualquer classe social, mas Fialho de Almeida, especificamente, retratava a dor e o

sofrimento como elementos inerentes à vida dos mais miseráveis. Certamente, a presença de todo este sofrimento estava ligada à baixa qualidade de vida a que estavam submetidos. A incapacidade de ultrapassar os obstáculos apresentados deve-se à falta de oportunidades mas também a forças interiores poderosas, que encaminham o indivíduo para um destino cruel, doloroso e com muito sofrimento. Destino este colocado como certo e que, via de regra, acabaria levando à morte.

No conto *Três Cadáveres* seguiremos encontrando os mesmos temas e críticas à sociedade. Como afirma Maria Aparecida Ribeiro, em *História Crítica da Literatura Portuguesa*: “O impulso sexual, o adultério, o anticlericalismo, a prostituição, a extrema pobreza e o alcoolismo são os temas mais frequentes, ensejando a descrição de ambientes degradantes como a taberna, o bordel, a prisão, o hospital, o cemitério [...]” (RIBEIRO, 1994, p. 318).

Este conto foi lançado, inicialmente, em 1883 sob o título de *A Doente 27*. Em 1893 foi reescrito e publicado em *O País das Uvas*. Fialho neste conto quer chamar a atenção, ainda, para a miséria que assola grande parte da população e, por outro lado, para a mesquinha e falta de compaixão da parcela mais endinheirada.

O conto inicia-se a partir da conversa do médico com um poeta desempregado, refletindo sobre a morte e religião. O médico narra, então, a história de Marta, a doente 27.

Marta pertencia a uma família pobre, morava com o pai e mais dois irmãos em um lugar pequeno, em que quase não entrava luz. A mãe morrera quando ela ainda era jovem e, por isso, assumira as funções de organizar a casa, cuidar do pai e dos irmãos e fazer pequenos trabalhos de costura. Ao contrário de Carolina, Marta foi educada para casar e ser uma boa esposa, porém teve poucos namorados. Como era pobre não chamava a atenção dos homens, o que acabou tornando-a menos exigente e fazendo com que esquecesse os sonhos românticos de casamento e filhos. Sua única paixão verdadeira foi um carpinteiro. O pai vigiava os dois para que não se encontrassem. Como não tinham condições de casar, o rapaz sugeriu que fugissem e Marta, como já não tinha pretensões de casar, aceitou.

Estava ela no período estésico em que o sexo reclama os seus direitos, período louco, fatal ao amor de certas raparigas e que de ordinário faz a história de bastantes quedas. Fugiu. Em casa nunca mais se quis saber de Marta. (ALMEIDA, 2007, p. 14)

Vemos, mais uma vez, que Fialho coloca o desejo sexual como algo incontrolável. É esta impossibilidade de controle que vai fazer com que Marta tenha uma vida mais miserável ainda e a levará a um destino incontornável.

Marta e o carpinteiro ficam juntos durante seis meses, porém ele declarou-se cansado e partiu, deixando Marta sozinha e sem saber sobre seu futuro. Ela, então, lembrou-se do pai e de sua casa, voltou a costurar e imaginou se o pai a receberia de volta. Foi até lá, porém seu pai lhe diz que havia escolhido o seu destino quando fora embora e que, se ela voltasse lá, ele a mataria.

O ponto de vista do narrador é de que Marta não tinha mais muitas opções. Ela viveu com um homem durante seis meses sem estar casada e, por isso, sua vida já estava desgraçada. Ainda que Marta não tenha se tornado, de fato, prostituta, cabe ressaltar que o fato de ela ser mantida por um homem e morar em sua casa já era motivo de escândalo e imoralidade naquela época.

A vida de Marta torna-se difícil, porém seu irmão, Miguel, vai morar com ela. Os dois vão vivendo com muita dificuldade, especialmente porque a saúde de Marta começa a mostrar sinais de que não estava boa, pois sentia febres, calafrios e à noite tossia muito.

A voz de Marta descia: cada vez os olhos se lhe faziam maiores, e a forma do nariz ia tomando um afilado d'estátua dolorosa, uma destas transcendentais purezas que fazem certos perfis de mulher nova correctos ao desespero. E à medida que se sentia dominar pela doença, purificava-a o desejo de ser perdoada, do pai sobretudo, cuja rispidez jurara não ceder. (ALMEIDA, 2007, p.21-22)

Marta se arrepende do seu passado e quer ser perdoada pelo seu pai. A doença de Marta é, na verdade, agravada, justamente, por essa culpa e pelo anseio de perdão, além das óbvias condições insalubres em que vivia.

Sua saúde piorava e Miguel teve que contratar uma enfermeira, o que aumentou as suas dívidas. Miguel também tentava convencer o pai a perdoar Marta, afirmando que ela estava à beira da morte.

Marta foi internada e o médico que cuidava dela acabou se apaixonando. Ele fazia tudo que podia para levar mais conforto à doente. Ela não reagia a esses carinhos e somente crescia dentro dela o medo daquela enfermaria. Sentindo que a sua morte se aproximava, implorava aos irmãos que pedissem ao seu pai que viesse lhe dar a última bênção. Nada o fazia mudar de ideia.

Miguel sempre voltava ao assunto com o pai, sempre inflexível, É certo que sua vida também estava difícil, pois, como a história de Marta havia se tornado pública, os fregueses sumiram de sua loja e ainda descobriram um assassinato que ele havia cometido havia alguns anos. Quando Miguel tocou no assunto para tentar convencê-lo, o pai lhe disse:

[...] Degredaram-me, fica sabendo, por eu matar com trinta e oito punhaladas um amigo – houve sempre amigos para tudo! – que depois de ter enganado uma irmã minha, se recusara a recebê-la por mulher. Avisamo-lo duas vezes, meu irmão e eu, de vir cumprir a promessa que fizera.[...] (ALMEIDA, 2007, p.30)

Ao final deste relato, o pai ainda afirma que, se foi capaz de fazer isso a um amigo, seria muito mais capaz de fazê-lo a um estranho.

Marta morre, então, no final do outono. A sua degradação não termina com a morte. Por não terem dinheiro suficiente, os irmãos de Marta e o médico acabam conseguindo apenas alugar um caixão para levá-la até a cova. Os homens resolvem aceitar o pano fino, como uma última homenagem a Marta, apesar do pouco dinheiro.

Vemos a naturalidade com que a morte é tratada e como alguns se aproveitam para criarem negócios lucrativos.

Quando, no dia seguinte, foram preparar o corpo para o enterro, o médico e o cangalheiro, percebemos a indiferença de Izaquiel e o sofrimento de João da Graça. Fialho vai descrever o corpo de Marta de uma forma fria, mas, ao mesmo tempo, com o olhar afetivo do médico.

[...] e desse corpo de mártir, nem um detalhe sequer da gentileza que João da Graça tinha idealizado! Só a cabeça inda era bela, duma escultura inspirada, entre os cabelos enormes, que empastara nas fontes o suor da última agonia. (ALMEIDA, 2007, p.45).

João da Graça sente-se um pouco tímido ao começar a vestir Marta e o cangalheiro o trata com ironia. E ele decide vesti-la sozinha, expulsando o outro homem. Em seguida, ao tentarem colocar Marta dentro do caixão, percebem que ela era maior que o caixão. Mais uma vez, vemos que a vida de quem não tem boa condição financeira torna-se trágica até depois da morte.

O leitor é, então, surpreendido quando descobre que Izaquiel foi o primeiro amor da vida de Marta e o responsável por sua desgraça. É possível perceber a sua indiferença ao falar sobre o passado e que não há nenhum tipo de arrependimento ou compaixão em seu discurso, chegando ainda a zombar de João da Graça.

O caixão sai a caminho do cemitério num dia chuvoso. Os padres aparecem como figuras indiferentes à morte e ao sofrimento daqueles que acompanham o velório.

O enterro se deu na frente apenas dos homens que carregaram o caixão, o padre e o sacristão, Izaquiel e João da Graça. Seus irmãos não foram por medo do tempo chuvoso. Conforme o velório ocorria, o médico ficava pensando que seria melhor morrer com ela, para assim poderem “viver” tudo o que não tinham vivido. Ele sofria ao se imaginar sem amor, ao saber que todos continuariam a sua vida e que, dali a algum tempo, ninguém mais sequer se lembraria de Marta.

Na hora de retirar o corpo do caixão para enterrá-lo, a coroa que o médico havia posto em sua cabeça com tanto cuidado cai na lama e, em seguida, o corpo também acaba caindo. Enquanto isso, o médico pensa em Deus e em como Marta poderia estar se sentindo com todo aquele descuido. No dia seguinte, ele imagina como Marta está: se sente frio ou solidão. E por este motivo, se apega à religião.

O tempo passa e João esquece Marta. Um dia é chamado à antiga casa de Marta devido à morte de seu pai. Ele não se recorda de ninguém. Depois, vai até à casa de Izaquiel, que também morreu, e se encontrava sozinho. João da Graça agora era um famoso delegado de saúde e não se assombrava mais com as mazelas da vida e a degradação da morte.

Fialho ao terminar seu conto entrelaça estes três personagens através da morte: Marta morre pela culpa; Izaquiel pelos vícios do corpo e seu pai pelo desgosto.

Ao fazermos um paralelo entre os contos “A Ruiva” e “Três Cadáveres”, percebemos que as personagens Carolina e Marta parecem ter nascido fadadas ao sofrimento, sem meios de transformar a realidade em que se encontram. Ambas acabam encontrando o mesmo destino: a morte. Vemos uma certa diferença entre as duas. Carolina se entrega, de fato, à prostituição, não vendo outra saída para a sua sobrevivência, ainda que pudesse continuar morando na casa de seu pai e sendo sustentada por ele, já que ele continuava pagando as despesas. Já Marta

foge, se perde por uma paixão incontrolável e fica marcada. Sua doença aparece logo após o seu arrependimento, como uma forma de castigo por suas atitudes. Se não fosse a sua doença, será que Marta teria encontrado a prostituição como forma de sobreviver, pois já não conseguiria um casamento e nem teria o perdão de seu pai? Ou será que o amor do médico seria capaz de superar os preconceitos desta sociedade?

O destino das personagens de Fialho parece já traçado desde o momento de seu nascimento, mesmo porque só há duas opções: casar-se com homens tão pobres quanto elas e, provavelmente, serem infelizes; ou a prostituição que, fatalmente, as leva à morte.

CONCLUSÃO

O período conturbado no qual estavam vivendo os autores da Geração de 70, certamente, fez com que a literatura realista-naturalista ganhasse grande destaque. Neste sentido, chama a atenção o fortíssimo apelo à crítica social, associado à descrição minuciosa, à observação atenta da realidade e ao impulso por retratá-la com precisão.

Eça de Queirós modificou seu ponto de vista a respeito da literatura realista-naturalista: se no início seguia os ideais realistas-naturalistas de modo a buscar a tão almejada verdade, mais tarde durante sua trajetória literária tais ideias foram sendo cada vez mais relativizados, talvez por concluir que nem a ciência nem a religião seriam capazes de responder a todas as questões mais dramáticas do homem inserido na vida social.

Em *Os Maias* conseguimos observar que Eça vai mudando. Os personagens, de forma geral, ainda que tenham tido outros tipos de educação, baseadas na ciência, não foram capazes de superar alguns interditos que ocorreram em suas vidas.

Eça retrata a vida burguesa em *Os Maias* e, por isso, vemos dilemas próprios desta classe social. A prostituição se apresenta como consequência do meio em que vivem, ao contrário dos contos de Fialho, que aparecem como única opção. As personagens Lola e Concha já se apresentam como acompanhantes de homens, porém não sabemos detalhes de suas vidas.

Já Maria Monforte e Maria Eduarda são mulheres fortes e misteriosas. A primeira larga um casamento para viver uma vida questionável para a época, em que a cada momento de sua vida se encontrava com um homem em diferentes lugares do mundo, inclusive, passando por diversas dificuldades financeiras. Maria Eduarda, por sua vez, sendo filha de Maria Monforte, é criada neste meio e, por isso, vemos em suas ações justificativas para sobreviver, sendo assim, impossível interpretar de modo unívoco as suas escolhas.

Fialho de Almeida não se prendeu apenas a estas ideias, por isso sua obra é permeada por diversas linhas de pensamento e inspirações literárias. Ainda assim,

suas obras reúnem todas estas ideias de uma forma tal que nos coloca diante da mais dura realidade.

Ao contrário de Eça de Queirós que, normalmente, descrevia a vida da sociedade burguesa, Fialho tinha predileção pela parcela da sociedade que vivia na miséria. Sendo assim, seus contos são repletos de ambientes sujos, escuros, miseráveis e degradantes. Suas personagens são pobres que, por mais que sonhem com uma vida diferente da que levam, são incapazes de mudar o que a sociedade classista e sexista parece lhes ter imposto.

As personagens femininas dos contos de Fialho que estudamos se apresentam como reflexo e produto do ambiente em que vivem e da educação que tiveram. Desde o início é possível perceber que o ponto de vista do narrador é que ambas não possuem muitas opções. Ou casam-se com um marido tão pobre quanto elas e, provavelmente, são infelizes; ou tornam-se prostitutas. O destino também não é outro senão a morte.

Carolina, sem uma educação adequada, frequentando ambientes degradantes, não poderia ter outro destino, já que não tinha o necessário para assumir o papel de esposa. A sua morte não é sentida nem pelo próprio pai.

Marta tem sonhos de se casar e ter uma família inicialmente, entretanto, ao compreender melhor a vida que tem, vai se desiludindo e acaba fugindo com um homem para poder viver a paixão. Sendo assim, o narrador demonstra que, mesmo antes de fazer as suas escolhas, Marta já estava condenada. Ainda que tenha se arrependido, Marta não consegue o perdão de seu pai. Acaba doente e morre no leito de um hospital.

A escolha de Fialho em retratar a vida da população pobre chama a atenção da burguesia para aquela parcela marginalizada. Era uma tentativa de mostrar para todos aquilo que nunca era retratado e, mais do que isso, aquilo que ficava escondido. Ao trazer estes espaços e personagens para a luz central de seus contos, Fialho denunciava a hipocrisia e o descaso do mundo literário burguês ao tratar os pobres como se não existissem.

A prostituição, do modo como é representada, revela: a fuga de uma vida infeliz, ao considerarmos aquelas mulheres que deixavam as suas famílias; a falta de alternativas das mulheres após o fracasso amoroso; a possibilidade de uma vida melhor em algumas situações.

Seja como for, trata-se de um campo dominado pelos homens. Aqui resta às mulheres o fatalismo que as condena na maior parte das vezes, ou que as recupera em circunstâncias excepcionais. O discurso que as envolve, as nomeia, as descreve é majoritariamente, maciçamente masculino.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fialho. *A ruiva e outras histórias*. Disponível em: < <http://cdn.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/03/A-Ruiva-e-outras-Hist%C3%B3ria.pdf>> Acesso em: 12 nov. 2015.

_____. *Três cadáveres*. Edição de Maria Helena Santana. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

BOLOGNE, Jean-Claude. *História do casamento no Ocidente*. Lisboa: Temas e Debates, 1999.

CASTRO, E. M. de Melo (Org.). *Antologia do conto fantástico português*. Lisboa: Afrodite, 1974. 129 p.

CHAVES, Castelo Branco. *Fialho de Almeida: notas sobre a sua individualidade literária*. Lisboa: Porto: Coimbra: [s.n.], 1923.

COELHO, Jacinto do Prado. *A letra e o leitor: Fialho e as correntes do seu tempo*. 2. ed. Lisboa: Moraes, 1977.

_____. *A situação de Fialho na literatura portuguesa, separata de Annali*. Itália: Nápoles, 1959.

COSTA, Correia da. *Eça, Fialho e Aquilino: ensaios de crítica e arte*. Lisboa: Clássica, 1923. 1 v.

COSTA, Lucília Verdelho da. *Fialho d'Almeida: um decadente em revolta*. Lisboa: Frenesi, 2004.

DANTAS, Francisco José Costa. *A mulher no romance de Eça de Queiroz*. Sergipe: Editora UFS, 1999.

DAVID, Sérgio Nazar. *Freud e a religião*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. *O século de Silvestre da Silva: estudos Queirosianos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

DÉCIO, João. *Introdução ao estudo do conto de Fialho de Almeida*. Coimbra: [s.n.], 1969.

D'OLIVEIRA, Lopes. *Intelectuais III: Fialho de Almeida*. Lisboa: Democrática, 1903.

DUBY, Georges e PERROT, Michelle (Org.). *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Edições Afrontamento, 1994. v. 4.

FERREIRA, Vergílio. Sobre a tragédia da Rua das Flores. In:_____. *Espaço do invisível*. 4. ed. Venda Nova: Bertrand, 1995.

FRANCO, António Cândido. *O essencial sobre Fialho de Almeida*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

GAY, Peter. *O século de Schnitzler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LIMA, Isabel Pires de. *As Máscaras do Desengano: para uma abordagem sociológica de “Os Maias” de Eça de Queirós*. Lisboa: Caminho, 1987.

LOPES, Óscar. *Entre Fialho e Nemésio: estudos de literatura portuguesa contemporânea*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987. 1 v.

LOPES, Renata Rodrigues. *Vida urbana e vida literária em Fialho de Almeida*. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MANNO, Liana Flosky. *A experiência burguesa do amor na obra de Eça de Queirós*. 2005. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MARQUES, A. H. de Oliveira. *Breve História de Portugal*. Lisboa: Presença, 1995.

MATEUS, Isabel Cristina Pinto. Fialho de Almeida e a modernidade: as cavernas do medo e os monstros da escuridão. In: SOUZA, Carlos Mendes de; PATÚCIO, Rita (Org.). *Largo mundo alumiado: estudos em homenagem a Vítor Aguiar e Silva*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, 2004.

_____. *O “Gênio obscuro” de Fialho de Almeida: cem anos de presença na literatura portuguesa*. Fialho de Almeida. Cem anos depois. Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/4904/3/livro_FAlmeida%5B2%5D.pdf> Acesso em: 16 maio 2016.

MATOS, A. Campos (Org.). *Dicionário de Eça de Queirós*. 2. ed. rev. e atual. Lisboa: Caminho, 1988.

_____. *Suplemento ao Dicionário de Eça de Queirós*. Lisboa: Caminho, 2000.

MATTOSO, José (Org.). *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, [19--]. v. 6.

MEDEIROS, João Bosco. *Razão e desrazão no mundo estético-sincrético de Fialho de Almeida*. 1994. 275 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1960.

_____. *A literatura portuguesa através dos textos*. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

- PAIS, José Machado. *A prostituição e a Lisboa boémia do século XIX ao século XX*. Lisboa: Editorial Quêrcio, 1985.
- PERROT, Michelle (Coord.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à 1ª Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 4 v.
- PEREIRA, Lucia Miguel; REYS, Câmara (Org.). *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*. Lisboa: Dois Mundos, 1945.
- _____. *Fialho I*: introdução ao estudo de sua estética. Coimbra: [s.n.], 1943.
- QUEIRÓS, Eça de. *Os Maias*. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.
- _____. *Fradique Mendes*. 8. ed. Porto: Lello & Irmão, 1926.
- _____. *A tragédia da Rua das Flores*. Lisboa: Moraes- Editores, 1980.
- _____. *Eça de Queirós Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2000a. v. 3.
- _____. *Eça de Queirós Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2000b. v. 4.
- REIS, Carlos. *Introdução à leitura d'Os Maias*. Coimbra: Livraria Almedina, 2002.
- _____. *O essencial sobre Eça de Queirós*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.
- RIBEIRO, M. Aparecida; REIS, Carlos (Org.). *História crítica da literatura portuguesa: Realismo e Naturalismo*. Coimbra: Verbo, 1994. 6 v.
- SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. 11. ed. Lisboa: Porto, [19--].
- SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português*. [S.l. : s.n.], 1900.
- VAQUINHAS, Irene. *Linhas de investigação para a história das mulheres nos séculos XIX e XX. Breve esboço*. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2287.pdf>> Acesso em: 05 jan. 2016.
- _____. *“Senhoras e Mulheres” na sociedade portuguesa do século XIX*. Lisboa: Edições Colibri, 2011.
- VILLA-MOURA, Visconde de. *Fialho d' Almeida*. Porto: Renascença Portuguesa, [19--].